

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LEIA – LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO E INFORMÁTICA APLICADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: A PESQUISA E A TECNOLOGIA NA
FORMAÇÃO DOCENTE

CONTRIBUIÇÕES DAS NOVAS TECNOLOGIAS ÀS PRÁTICAS DOCENTES E DE
GESTÃO ESCOLAR

UNICAMP
2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LEIA – LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO E INFORMÁTICA APLICADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: A PESQUISA E A TECNOLOGIA NA
FORMAÇÃO DOCENTE

CONTRIBUIÇÕES DAS NOVAS TECNOLOGIAS ÀS PRÁTICAS DOCENTES E
DE GESTÃO ESCOLAR

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UNICAMP para conclusão
do curso de Especialização “Pesquisa e
Tecnologia na Formação Docente, sob
Orientação da Profa. Dra. Maria de
Fátima Garcia

UNICAMP
2009

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC
	L881C
V:	EX:
Tombo:	4811
PROC.:	134/10
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO:	477191

© by Rafaela Maria Alves Lopes, 2009.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

L881C Lopes, Rafaela Maria Alves
Contribuições das novas tecnologias às práticas docentes e de gestão
escolar / Rafaela Maria Alves Lopes. – Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria de Fátima Garcia.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Tecnologia. 2. Pesquisa. 3. Ensino - Aprendizagem. 4. Língua inglesa. 5.
Gestão escolar. I. Garcia, Maria de Fátima. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-402-BFE

1

Dedico este trabalho aos meus pais e ao Alexandre, meu amor.

Agradeço a todos os alunos e alunas que por mim passaram, aos meus pais, meus eternos professores, ao apoio constante do Alexandre, com quem aprendo cotidianamente, a todos os professores e professoras que tive, em especial à Profa. Maria de Fátima Garcia, à Profa. Maria Aparecida Damin, à Profa. Afira Ripper e ao Prof. Jorge Megid.

*O mundo é uma escola
A vida é o circo
Amor, palavra que liberta
Já dizia o Profeta*

Gentileza, Marisa Monte

Resumo

Neste trabalho serão abordadas as contribuições das novas tecnologias às práticas docentes e de gestão escolar. Às práticas docentes, serão consideradas as contribuições ao processo ensino-aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira para alunos de 5ª a 8ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco”. Às práticas de gestão escolar, as possibilidades de utilização das tecnologias em um contexto de Educação Infantil, o CIMEI 39, composto pelo CEMEI “Prof. Octávio César Borghi” e EMEI “Profa. Else Feijó Gomes”. Focaremos as possibilidades de uso das tecnologias: filmagens, fotografias, uso do computador, pesquisas na *Internet*, pesquisas no *hipertexto*, utilização do *power point*, recursos do *infanview*, construção de *blogs*, histórias em quadrinhos utilizando o *software HagaQué*, montagem de filmes com o *movie maker*, tecnologias imprescindíveis para tornar o processo educativo mais atraente, motivador e condizente às crianças e adolescentes contemporâneos.

Palavras-chave: Educação – Tecnologias – Pesquisa – Ensino-Aprendizagem – Língua Inglesa – Gestão Escolar

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Fotos de rizoma de grama da EMEI “Pofa. Else Feijó Gomes”	21
Figura 2 – Fotos de rizoma de grama da EMEI “Profa. Else Feijó Gomes”	21
Figura 3 - João Marcos e Rubiana em pesquisa no <i>altavista</i>	30
Figura 4 – José Otávio, acessibilidade e inclusão no trabalho com pesquisa.....	31
Figura 5 - Jordana e Bruna, em pesquisa no <i>google</i>	31
Figura 6 – <i>Brainstorm</i> a partir de informações coletadas no hipertexto	35
Figura 7 – Produzindo no jardim.....	37
Figura 8 – Trabalhos em grupo no jardim.....	37
Figura 9 – Descobrimto do Brasil, por Vitor Stavarengo.....	38
Figura 10 – Produções no jardim.....	38
Figura 11 - Produção de Julia e Meninos no Balanço, por Ana.....	39
Figura 1 – José Otávio, Ana Paula e Helena produzindo juntos.....	39
Figura 13 – Meninos no Balanço, por Ana Carolina Zanolo.....	41
Figura 14 – Descobrimto do Brasil, por Vitor Stavarengo.....	42
Figura 15 – O Mulato, por Débora Nunes.....	42
Figura 16 – Descobrimto do Brasil, por Kauan, Matheus e Wendel.....	43
Figura 17 – Produção de Aline C. Giacometti	44
Figura 18 – Descobrimto por João Marcos.....	44
Figura 19 – Descobrimto por Rubiana Marques Rodrigues e Laís E. Luz.....	45
Figura 20 – Produção de Ellen Praciél de Souza.....	45
Figura 21 - Produção Sara Y. Hayashi.....	47
Figura 22 – Produção de Débora Nunes a partir do poema.....	47
Figura 23 – Produção de Douglas W. Carvalho.....	48
Figura 24 – Produção de Carolina Zanollo.....	48
Figura 25 – Produção de Lara da Silva Rosa.....	49
Figura 26 – Produção do aluno José Otávio.....	49
Figura 27 – Produção de Luiza de Oliveira.....	50
Figura 28 – Produção de Júlia B. Nunes.....	51
Figura 29 – Produção de Jordana Cruz de Paula Devaston e Bruna Stival.....	51
Figura 30 – Produção de Vinícius B. da Silva.....	52
Figura 31 – Produção de Jéssica Vieira.....	52
Figura 32 – Produção de Vitor Stavarengo.....	53
Figura 33 – Pôster produzido para apresentação na feira do Ciência na Escola 2008.....	56
Figura 34 - Pôster produzido para a feira do Ciência na Escola 2008 e Mostra Cultural da EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco”	57
Figura 35 - Pôster produzido sobre o CIMEI 39 para reunião de gestores com o Secretário da Educação da Prefeitura Municipal de Campinas, em 01/07/2009.....	59
Figura 36 – Foto do blog http://rafaelathelma.blogspot.com	61

Sumário

Meus Caminhos pela Educação	1
Introdução e contextualização do estudo	12
Objetivos	14
Problematização	15
Metodologia de pesquisa	16
Agentes de mudanças através da pesquisa-ação	17
Escola, espaço educativo da pesquisa	18
A escola e a pesquisa	18
A importância da pesquisa feita pelo professor	18
Contexto do estudo	19
As tecnologias, educação menor, os rizomas, a transversalidade.....	21
A utilização das novas tecnologias na aprendizagem de uma nova língua	24
A língua inglesa a partir do uso das novas tecnologias e do tema Cândido Portinari	25
As contribuições de pesquisa no hipertexto à autonomia de escolha do aluno acerca	
da construção de seu conhecimento	26
Navegando na <i>Web</i> com os alunos.....	29
A voz do aluno.....	33
Colors - Aprendendo ao ar livre após pesquisa na web e uso do tuxpaint	36
Obras de arte recriadas pelos alunos a partir de obras de arte de Portinari pesquisadas	
na web	40
Criação artística e construção da aprendizagem da língua inglesa a partir do poema	
encontrado na web de Cândido Portinari.....	46
<i>It was splendid</i>	53
As contribuições da utilização do <i>power point</i> na produção de posters e apresentações	
em o <i>data show</i>	54
Contribuições da construção de <i>blogs</i> na prática docente e de gestão escolar	60
Possibilidades das contribuições das novas tecnologias à gestão escolar	62
Considerações finais	62
Referências Bibliográficas.....	66

Meus Caminhos pela Educação

Ao iniciar o curso *A Pesquisa e a Tecnologia na Formação Docente* um mundo de possibilidades abriu-se em minha prática docente. Motivou-me pensar em possibilidades também para outra realidade apresentada em meu percurso como educadora durante o curso, a gestão escolar.

Como uma *imigrante digital*¹, assusto-me e encanto-me com as possibilidades de recursos a serem explorados que as novas tecnologias nos apresentam e com o quanto nossos alunos, *nativos digitais*², motivam-se em criações, descobertas, pesquisas, interações viabilizadas por elas.

Iniciei o curso *A Pesquisa e a Tecnologia na Formação Docente* no ano de 2008 como professora de Inglês na EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco”, onde lecionei para as séries finais do ensino fundamental e onde desenvolvi pesquisas utilizando as novas tecnologias.

Atualmente, trilho novos caminhos em minha carreira na Educação como vice-diretora do Centro Integrado de Educação Infantil 39 (CIMEI 39), composto pelo Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) “Octávio César Borghi” e Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) “Else Feijó Gomes”.

Cresci em uma cidadezinha pequena, Monte Mor, onde família, escola e comunidade responsabilizavam-se juntas pela Educação. A escola, as professoras, seus funcionários eram muito queridos e respeitados.

Minhas primeiras experiências escolares aconteceram muito cedo, quando tinha 4 anos. O que mais marcou nessa época foi minha primeira professora, a *Tia Izilda* que era muito carinhosa e afetiva, uma segunda mãe.

¹ Conceito utilizado por Elis Monteiro no artigo “*Nativos Digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica*”, publicado em 18/05/2009, 3h43m, em <http://oglobo.com/tecnologia/mat/2009/5/18>

² *Eles são capazes de ver TV, ouvir música, teclar no celular e usar o notebook, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, são multitarefas. Adoram experimentar novos aplicativos, têm facilidade com blogs e lidar com múltiplos links, pulando de site em site, sem se perder. Interação mais uns com os outros (...). Esta é uma pequena descrição dos Nativos Digitais, termo que define os nascidos depois dos anos 80. Opondo-se a eles estão os Imigrantes Digitais, outra terminologia recente que engloba as pessoas que não nasceram na era digital mas que estão aprendendo a lidar com a tecnologia (...).* Elis Monteiro em *Nativos Digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica*, artigo publicado em 18/05/2009, 3h43m, em <http://oglobo.com/tecnologia/mat/2009/5/18>

A escolinha ficava em um lugar alto de onde se enxergava toda a cidade, havia muitas flores, cultivadas por nós alunos, gramados verdinhos, parquinho, desenhos e muita alegria.

Senti um pouco a mudança de escola e professora aos 6 anos quando iniciei a pré-escola. *Tia Maria* também era muito carinhosa e em poucos dias estava adaptada e novamente feliz.

As lembranças da minha infância influenciam muito o olhar que tenho para a Educação Infantil, o bem estar das crianças, a importância de sermos carinhosos, afetivos, delicados e acolhedores com elas, a importância do período de adaptação da criança que entra na escola ou que muda de professora.

Na primeira série a professora Teresinha impressionava por sua gentileza, elegância, letra redonda na lousa, mensagens motivadoras no caderno, minha querida professora.

Identificava as professoras com minha mãe, também professora, tão afetuosa, carinhosa, motivadora, inspiradora. Gostava muito da escola porque via muito amor lá: amor ao próximo, amor ao aprender, ao ensinar. Marcas de amor que despertaram em mim o desejo de ser professora.

Tal desejo veio acompanhado de apoio familiar. Todos em minha casa gostavam e valorizavam muito a escola. Minha mãe e meu pai foram professores, minha irmã e eu seguimos o mesmo caminho, por acreditarmos todos que a Educação seria o caminho para um mundo melhor, de mais igualdade, fraternidade, tolerância, não violência, paz...

Por acreditar em um mundo com mais igualdade, mais tolerância, mais fraterno e, conseqüentemente, melhor, aposto no acesso às tecnologias, à língua estrangeira não como forma de dominação cultural, de modo a preservar a cultura brasileira, às reconstruções sociais para uma sociedade melhor.

(...) reconstrução que nos ajude a nos aproximarmos mais de um mundo que esteja ao alcance de todos o que desejamos para nossos filhos. Este é o tipo de mundo que nos satisfaria e nada, nem sequer coisas tão sagradas como ensino reflexivo e a pesquisa-ação, merece nosso apoio, exceto se nos ajudar a nos aproximar desse tipo de mundo (ZEICHNER, 1995c, p.397).

Desde pequena queria ser professora. Os primeiros traços como professora de inglês começaram a se desenhar na 5ª série, reafirmando-se, mais contundentemente, no ensino médio.

Antes de iniciar a 5ª série tinha muitas expectativas quanto às novas disciplinas, mas a que mais me instigava era a Língua Inglesa. O contato com a novidade da língua estrangeira fascinava-me. A professora era maravilhosa, muito carismática e comunicativa.

A nova língua parecia oferecer um mundo de possibilidades: conhecer letras de músicas em inglês, entender filmes em inglês. Era o diferente, o novo. Sentia alegria e prazer. Sinto essa emoção nos alunos da 5ª série também, não só pelo Inglês, mas sobretudo pelo uso das novas tecnologias.

No ensino médio a excelente professora de inglês, Tânia, influenciou-me mais ainda na escolha da profissional: conhecia muito sobre outras culturas, sobre costumes de outros povos, não só de povos falantes de inglês. Percebia que a língua não se restringia somente ao universo americano e aos falantes de língua inglesa, oferecia a possibilidade de novos conhecimentos, de ampliação de visão de mundo.

Essa percepção de língua inglesa para ser usada como ferramenta para novos conhecimentos veio a se afirmar mais ainda com o advento da globalização alguns anos mais tarde. Reafirma-se ainda mais com o acesso às novas tecnologias, particularmente o uso da *Internet*.

A *Internet* está explodindo, como a mídia mais promissora desde a implantação da televisão. É a mídia mais aberta, descentralizada e, por isso mesmo, mais ameaçadora para os grupos políticos e econômicos hegemônicos. Aumenta o número de pessoas ou grupos que criam na *Internet* suas próprias revistas, emissoras de rádio ou de televisão sem pedir licença ao Estado ou estar vinculados a setores econômicos tradicionais (MORAN, 2001)³.

Gostava muito de músicas populares brasileiras cantadas por estrangeiros, *Garota de Ipanema*, por Frank Sinatra, *Desafinado*, por George Michel. Maravilhoso intercâmbio lingüístico. Gostava também de observar o inglês de Caetano Veloso e Paulo Ricardo do RPM em *London, London*, com diferentes entonações e sotaques. Traduzia e cantava em Inglês todas as músicas do grupo de rock *U2*, *Elton John*, *George Michel*. Assistia também muitos filmes.

Sons e linguagens ganhavam muito espaço e valor em minha vida. A Língua Portuguesa e a Língua Inglesa. A Língua Portuguesa porque a leitura fazia parte de meu cotidiano, adorava Fernando Pessoa e Machado de Assis; a língua inglesa com os novos sons, novas informações em outra língua, um novo código.

Ingressei no curso de Letras. Comecei a lecionar Inglês em um curso Supletivo e Português, como substituta, em outra escola Estadual, durante o dia. Também lecionava Português para Estrangeiros em um curso de línguas.

³ Disponível em <http://www.eea.usp.br/prof/moran>

No curso de Letras conheci mais sobre a Literatura Brasileira, sobre a lindíssima Literatura Portuguesa com seus contos fantásticos e sobre a Literatura em língua inglesa, com *William Faulkner, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde, William Shakespeare, Fitzgerald*⁴ e sobre as culturas a elas correspondentes.

No segundo ano do Curso de Letras tive oportunidade de participar por três anos de um grupo de pesquisa subsidiado pela CAPES, Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Programa Especial de Treinamento, PET, que possibilitou participação em muitas palestras, cursos, *workshops*, publicações em revistas científicas e outros eventos subsidiados pela CAPES.

Éramos um grupo de estudo composto por 8 membros. Desenvolvíamos pesquisas individuais e em grupo sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Amarante. Nosso eixo-norteador era o Papel Sócio-Político do Professor de Língua Estrangeira Inglês. Desenvolvíamos pesquisas etnográficas a partir de análise de discurso francesa, baseada em Michel Foucault e Michel Pêcheux.

Uma dessas pesquisas coletivas realizou-se na Faculdade da Terceira Idade da PUCCAMP, onde os integrantes do grupo ministravam aulas de Inglês para pessoas da 3ª idade. Foi muito interessante.

Comecei a lecionar Português para estrangeiros. Adquiri bastante fluência na língua inglesa, pois não havia outra forma de comunicação com americanos, coreanos, mexicanos e alemães. O compartilhar saberes era mágico. As aulas particulares eram verdadeiros intercâmbios culturais. Eram como as “aulas passeio” de *Freinet*: visitávamos pontos turísticos e culturais de Campinas, conversávamos sobre experiências e diferenças culturais. Éramos amigos.

Nenhuma cultura era superior à outra, mas a outra cultura era curiosidade, deslumbramento, descoberta. Aprendíamos muito.

⁴ Análise da geografia e seu papel mitológico e literário na América do Norte e da inversão de direções. A leste, a busca de um código americano e a recodificação com a Europa (Henry James, Eliot, Pound etc.); a sobrecodificação escravagista no sul, sua ruína e plantações na guerra de Secessão (Faulkner, Caldwell); a descodificação capitalista do norte (Dos Passos, Dreiser); o oeste, como linha de fuga, onde se conjugam viagem, o índio, a mobilidade das fronteiras, o rizoma (Ken Kesey). Cada grande autor americano faz uma cartografia por seu estilo. Ao contrário do que acontece na Europa, ele faz um mapa que interliga os movimentos sociais que atravessam a América, como as demarcações das direções geográficas nas obras de Fitzgerald, como comentado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 1, p.30, sobre o livro de Leslie Fiedler, *Le retour Du Peau-rouge*, Ed. Du Seuil.

Nessa época, 1997, 1998, 1999, 2000, o professor de inglês e de português para estrangeiros era bem valorizado, o mercado de trabalho estava em alta. Éramos contratados e relativamente bem pagos.

A partir de 2000, o número de cursos de inglês aumentou muito, dispersando também a qualidade dos professores e das aulas. Boa parte dos professores sabia muito Inglês, mas era carente na arte da docência. Não se exigia mais a formação docente do professor de inglês, mas somente que soubesse a língua. Salários e condições de emprego caíram consideravelmente.

Busquei novas alternativas que não fosse o curso particular de línguas. Fui cursar Direito. O curso de Direito oferece muita amplitude de escolhas. Há diversos trabalhos a serem desenvolvidos com temas escolhidos pelos graduandos. Voltava-me às áreas de Educação, Crianças e Adolescentes, ECA, LDB, responsabilidades da Família, Escola, Estado e Filosofia do Direito.

Quando estava no 3º ano do curso de Direito e lecionava Inglês em um curso particular muito bem conceituado surgiu o concurso para Professor de Inglês na Prefeitura Municipal de Campinas.

Sem saber o quanto esse concurso representaria para mim em termos de valorização profissional, pessoal, projeção de carreira, prestei-o.

Ingressar na prefeitura foi uma mola propulsora em minha vida. Quando entrei senti que meu lugar era ali. Gostei demais.

Os alunos, seus interesses em aprender inglês, em falar inglês, em entender o que se podia em inglês de filmes, músicas, livros... eles adoravam inglês... motivavam-me.

A relação professor e aluno em sala de aula enchia-me de entusiasmo, nos identificávamos! Os alunos faziam-me lembrar de meus ideais como professora de Língua Inglesa, das pesquisas desenvolvidas sobre o papel sócio-político do professor de língua estrangeira que tanto me marcaram na faculdade e que como professora de curso de inglês particular não era tão valorizado como na escola pública, de qualidade.

Resgatavam minhas relações com as professoras de minha vida, minhas primeiras experiências escolares, preenchiam-me de alegria e amor. Amor pela escola que me marcou na infância, que levaria para toda vida. Meu eu profissional ganhou forma e volume. Sentia felicidade e prazer profissional.

Sair do curso de inglês privado para ingressar na escola pública, na Prefeitura Municipal de Campinas, significou para mim desenvolvimento autônomo do exercício profissional. Trabalharia com os alunos pensando em sua formação, sem a preocupação do lucro das matrículas e rematrículas supercontroladas nos cursos de inglês. Resgatava com alegria o papel sócio-político do professor de língua estrangeira sempre tão idealizado.

Iniciei na prefeitura com 20/27 aulas semanais e em meses ampliei minha jornada de trabalho para 30/44. Passei a ter contato com todos os alunos de 5ª a 8ª séries, além dos alunos da EJA.

Envolvia-me cada vez mais com os alunos, suas famílias e comunidade escolar. Participava dos conselhos de classe das minhas 15 turmas. Participava do conselho de escola e de todas as atividades desenvolvidas lá.

Então em 2004 houve o Plano de Cargos e Carreiras proposto pela prefeita Izalene Tiene e pela Secretária da Educação Corinta Geraldi. Comprometidas com a Educação e com os Professores. VALORIZOU-NOS!

Minha realização era completa: condições de trabalho muito boas na EMEF “Humberto de Alencar Castelo Branco”, alunos maravilhosos, seguindo a carreira do meu coração, agora dentro de uma escola pública – não mais em um curso de línguas, com condições salariais boas. Sentia ainda mais felicidade e prazer profissional.

Envolvia-me cada vez mais na vida escolar de aproximadamente 800 alunos por ano e suas respectivas famílias e demais professores. Despertou-se em mim o desejo de trabalhar com a escola de forma mais ampla.

Os TDS's (trabalho docente coletivo), as reuniões pedagógicas, formações continuadas, os CHP's (carga horária pedagógica) do plano de cargos e carreiras de 2004, que na época poderia ser utilizado para cursos, proporcionavam capacitação profissional cotidianamente. Fazíamos relatórios de alunos, aliando teoria, prática e pesquisa. Desenvolvíamos vários projetos: Cidadania, Meio Ambiente, Lixo, Correio na Escola, Desafio, entre outros.

Passei a interessar-me não só pelo universo que a disciplina de Inglês me oferecia, mas pela escola em toda sua amplitude: o letramento do aluno, seus deveres, seus direitos, suas responsabilidades e de sua família, a responsabilidade dos professores e da escola: iniciei o curso de Pedagogia.

O curso foi bárbaro! Conheci novas teorias, a estrutura e funcionamento da escola, projetos pedagógicos, gestão escolar. Amei! Conclui o curso em abril de 2008.

Continuando minha formação profissional que partiu de Letras, passou por Direito e Pedagogia, em 2008, também, iniciei o curso de especialização “Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente”. Espetacular!

Retomei meu envolvimento com Foucault e Deleuze foi-me apresentado pela querida Professora Maria Aparecida Damin.

A professora Cidinha deixou muitas *marcas* por expressar teoricamente crenças que já existiam em mim: o *rizoma* de Deleuze nas idéias de Silvio Gallo, sempre presente em minhas aulas de Inglês, *Transversalidade e educação: pensando em uma educação não-disciplinar*, o *Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola* (GALLO, 2007) coadunavam com minha postura de professora de inglês que trabalhava com possibilidades de aprendizagem da nova língua valorizando a cultura brasileira.

(...) Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos (...) é ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo criação e povo (...) (DELEUZE, 2000, p.218)

Realizamos, a professora Thelma Raguza, de Educação Artística, e eu, o *projeto Cândido Portinari*, utilizando as tecnologias adquiridas no curso.

O acesso às tecnologias da informação e comunicação proporcionado pelo curso, junto ao aprendizado de língua estrangeira Inglês, refletia importante artifício de resistência à dominação cultural norte-americana, uma vez que a língua inglesa tem recebido vocábulos da língua inglesa como resultado de relações políticas, culturais e comerciais com outros países devido ao advento da globalização, o que pode levar a uma dominação cultural, caso a cultura própria do estudante não seja valorizada por ele, como apontado por GARCIA, *in* OLIVEIRA, 2007, p.127:

(...) as forças que lutam para manter tudo no mesmo lugar são muitas e fortes – são os defensores da globalização pelo alto, a globalização neoliberal. Nós partimos da luta por uma globalização numa perspectiva emancipatória. Uma globalização que resulta da solidariedade de preocupações dos que lutam por um mundo melhor (...)

Encontrei-me nos textos, MARAVILHADA! A língua alvo como instrumento, como ferramenta para conhecimento de outras culturas e da nossa também, explorando o projeto “Cândido Portinari”, valorizando nosso povo, favorecendo a apropriação da língua estrangeira como ferramenta de resistência:

(...) deslocando o poder dominante para os micro-poderes no espaço da sala de aula, na micro-política, onde as ações de cada um podem ter relevância para a comunidade, convergindo para Foucault (1979) quando diz que só haverá mudanças na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo e ao lado dos aparelhos de estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, forem modificados. (DAMIN, 2004, p.22 e 23).

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve aos enunciados. É o pensamento como arquivo. Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem em violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos, tais como “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável...”. É o pensamento como estratégia (...) como dizia Nietzsche, a invenção de novas possibilidades de vida. A existência não como sujeito mas como obra de arte (DELEUZE, 2000, p.120).

Os alunos envolveram-se com muita motivação na pesquisa. Claro que enfrentamos algumas dificuldades na execução dos projetos, como a utilização dos espaços que exploramos na escola, alguma dificuldade também com o tempo que tínhamos disponível com os alunos uma vez que dispúnhamos de 90 minutos de aula, cada uma, a professora Thelma e eu, para o desenvolvimento da pesquisa e carência de acesso adequado à *Internet* e aos computadores da escola, mas acreditávamos nas contribuições das novas tecnologias às nossas práticas.

Encontramos atualmente entre os professores atitudes diversas em relação às tecnologias da informação e comunicação (TIC). Alguns as olham com desconfiança. Outros, usam na sua vida diária, mas não sabem muito bem como integrar em sua vida profissional. Outros, ainda procuram usá-las em suas aulas sem, contudo, alterar suas práticas. Uma minoria entusiasmada desbrava caminho, explorando incessantemente novos produtos e idéias, porém defrontando-se com muitas dificuldades como também perplexidades. Nada disso é de se admirar. Toda técnica nova só é utilizada com desenvoltura e naturalidade no fim de um longo processo de apropriação (PONTES, 2000, p.65)

O tempo e a tecnologia que possuíamos na escola eram precários, mas o envolvimento e a motivação dos alunos compensavam. Realizavam muitas atividades em casa com seus próprios computadores.

Há muitas exigências para com o professor: deve usar o computador, o data show, as novas TVs, as diferentes mídias, entretanto a escola não oferece computadores prontos para

serem usados. Em vários momentos fui à sala de informática, mas não havia acesso à *Internet*. Perdíamos nosso escasso tempo deslocando os alunos e ao chegar à sala de informática o tempo todo era para tentar conexão à *Internet* e ao final somente 6 computadores, para 32 alunos, tinham acesso.

Nesse sentido tivemos dificuldades, mas os alunos envolviam-se no exercício da pesquisa e transformavam aquele momento em empenho, criatividade, espírito de equipe, compartilhamento, visibilidades dentro das dificuldades. Crescíamos muito.

Acredito que da prática dos professores de Inglês como língua estrangeira sejam extraídas visibilidades, cintilações, reflexos, clarões para que se constituam possibilidades de vida, processos criativos de subjetivação, para nos constituirmos também como cultura brasileira que se coloca de forma valorizada. Pois escrevemo-nos, inscrevemo-nos, marcamos-nos, pois “não há história sem homens como não há história para os homens, mas uma história que, feita por eles, também os faz” (FREIRE, 1970, p.152).

Em 2008 surgiu o concurso para professores e especialistas em educação. A prova do concurso parecia basear-se nas aulas que tivemos. Foucault, Deleuze, Paulo Freire, Anísio Teixeira, houve sintonia entre o curso, minha prática e o concurso. Interessante.

Inscrevi-me para o cargo de vice-diretora. Pelo meu tempo de docência, 6 anos, poderia prestar a prova para orientador pedagógico ou vice-diretor. Escolhi o cargo de vice-diretor.

Em 01/04/2009 deixei o cargo de professora de inglês na EMEF “Humberto de Alencar Castelo Branco” e no dia 02/04/2009 ingressei como vice-diretora do CIMEI 39 que compreende a CEMEI “Octávio César Borghi”, situada no Parque Floresta, e a EMEI “Else Feijó Gomes” no bairro Campina Grande, ambas na região do Campo Grande.

A Educação Infantil acolheu-me de braços abertos. Assim como acolheu a colega de curso Márcia Helena Medina Dias, que ingressou em abril de 2009, como Orientadora Pedagógica na EMEI “João Vialta” e CEMEI “Dr. Ruy Almeida Barbosa”.

Coincidentemente, ao chegarmos fomos para o berçário e aconteceu com ela o mesmo que comigo, em suas palavras “... cheguei ao berçário e as crianças sorrindo para mim, brincando e interagindo comigo, foi uma recepção incrível” (relato feito na aula da prof. Maria de Fátima Garcia do curso de especialização “Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente”, em 08/04/2009).

A Educação Infantil propõe esperança e desafios de se trabalhar o ser humano em seu *tão potencial* em suas tantas possibilidades em seu *tão devir*, pois é lá na Educação Infantil que a criança iniciará sua percepção de mundo e iniciará suas escolhas que a acompanharão.

Para quem tinha a curiosidade de conhecer todo funcionamento da escola... entrei na escola e a vice-diretora que lá estava sozinha esperava por mim ansiosamente para que sua remoção acontecesse.

Ela ficou comigo durante o mês de abril. Nos meses de maio, junho, julho consegui vencer o desafio de, sozinha, desempenhei a função de Direção, Vice-Direção e Orientação Pedagógica, aguardando também muito ansiosa pela chegada de um diretor e orientador pedagógico.

A prefeitura municipal de Campinas possui uma estrutura pedagógica de excelência, com assessoramento com Coordenadores Pedagógicos muito competentes. Há trabalhos coletivos com os professores, semanalmente, assim como grupo de estudo para os monitores educacionais.

A CEMEI “Octávio César Borghi” conta com 232 alunos, distribuídos em oito turmas. São 8 professores e 17 monitores educacionais. A EMEI “Else Feijó Gomes” conta com 120 alunos e 4 professores.

No momento histórico desta escrita, tudo se faz novidade para mim. Estou apaixonada. Sem medir esforços e horários. Dar conta do projeto pedagógico, da Conta Escola⁵, da APM⁶, do Projeto Presença⁷, do Integre⁸, do PRODESP⁹, TDC¹⁰’s, GEM¹¹’s, 450 crianças, 41 funcionários têm sido muito desafiador para mim, mas estou feliz... MUITO FELIZ!

⁵ O Conta Escola é um programa municipal, criado pelo Governo de Campinas para orientar, com qualidade e controle social, os gastos de custeio da Secretaria Municipal de Educação, com mais autonomia para as escolas e controle da população. Prevê um orçamento direto às escolas municipais para que possam efetuar compras, realizar pequenas reformas, ou mesmo adquirir material pedagógico e equipamentos tais como computadores.

⁶ APM - Associação de Pais e Mestres, é uma instituição auxiliar da escola, que tem por finalidade colaborar no aprimoramento do processo educacional, na assistência ao escolar e na integração família-escola-comunidade.

⁷ O Projeto Presença visa ao acompanhamento do acesso e permanência dos alunos na escola, envolvendo nesse processo a União, Estados e municípios. Tem como objetivos garantir a permanência dos alunos na escola, oferecer dados precisos e atualizados para subsidiar políticas públicas educacionais, oferecer mecanismos de gestão, possibilitar a integração com outros programas sociais e otimizar a distribuição dos recursos públicos federais, alocados de acordo com o número de matrículas. Através dos dados do projeto presença o aluno inscrito no Bolsa Família recebe o subsídio correspondente.

⁸ Integre – sistema único que contera os dados de todos os alunos da rede municipal de educação Infantil, do ensino fundamental e da FUMEC. Com esse banco de dados único, é possível agilizar o trabalho administrativo e docente das escolas. Nele estão todas as informações relativas ao aproveitamento escolar dos alunos, como as notas e a freqüência, com a possibilidade de emissão de relatórios automático.

⁹ PRODESP – Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo.

¹⁰ TDC – Trabalho Docente Coletivo.

¹¹ GEM – Grupo de Estudo dos Monitores

Busco ainda a implementação das novas tecnologias neste novo contexto, pois conto somente com um computador para utilização de todos na escola. Por conta disso, urge pensar na viabilização de computadores que será feita através de recursos da Conta Escola para democratizarmos também com as crianças menores o acesso às novas tecnologias, tão disponível às crianças das classes mais abastadas.

Vivo a transição da carreira docente para a carreira de gestão com alegria. Sentia muita autonomia, confiança e propriedade como professora. Agora, a nova função requer mais espírito de equipe, alteridade, organização.

Nesse novo caminhar que venho trilhando vou me constituindo e desconstituindo cotidianamente a partir das interações com os alunos, professores, monitores, funcionários, colegas, experiências. Vivo encantamentos e novidades que dão sentido à vida, movem sonhos, desejos, projetos e realizações, e que criam felicidade e prazer pessoal e profissional.

Introdução e contextualização do estudo

Neste trabalho desenvolvemos uma pesquisa que aborda as contribuições das novas tecnologias às práticas docentes e de gestão escolar sob a ótica do ensino por meio da pesquisa, isto é, o estudo consiste em uma Pesquisa Qualitativa que registra o processo de constituição de aprendizagens e saberes acerca das tecnologias e mídias articuladas a uma metodologia de ensino e aprendizagem por meio da pesquisa.

As práticas docentes serão consideradas em um contexto de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira para alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco”.

Cabe ser apontado que este estudo, como investigação, versa sobre o trabalho de pesquisa inicialmente proposto à 5ª série B, mas muitos alunos e professores de outras classes, de outras classes, de forma rizomática e transversal também participaram de seu desenvolvimento.

Desenvolvemos com os alunos pesquisa sobre o artista brasileiro reconhecido mundialmente Cândido Portinari que nasceu na cidade de Brodosque, no estado de São Paulo, em 29 de dezembro de 1905. Filho de imigrantes Italianos, estudou na Escola Nacional de Belas Artes. Sua obra abrange mais de 5000 trabalhos, entre eles o painel “Guerra e Paz” que fica na sede da Organização das Nações Unidas em Nova York. Foi também um político do Partido Comunista, eleito senador em 1947. Morreu em 1962 envenenado por chumbo que havia na composição de suas tintas.

De forma rizomática também, as contribuições das tecnologias foram deslocadas para o âmbito da gestão escolar, do Centro Integrado de Educação Infantil 39 (CIMEI 39), composto pelo Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) “Octávio César Borghi” e Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) “Else Feijó Gomes” que surgiram em minha carreira em meados de 2009 como narrado em *Meus Caminhos pela Educação*.

Objetivamos analisar as contribuições das tecnologias ao ensino-aprendizagem de língua inglesa, promover o acesso dos alunos da escola pública às tecnologias, tão em voga entre os mais privilegiados sócio-economicamente, valorizar a cultura brasileira deslocando a idéia de dominação cultural ao se aprender a Língua Inglesa e inserir os alunos em um contexto de pesquisa.

Surgiram também da preocupação com a inclusão digital de nossos alunos da escola pública.

Desenvolvemos com eles uma pesquisa qualitativa, uma pesquisa-ação, com base nas idéias de Kenneth M. Zeichner (1995), John Elliot (1990), Lawrence Stenhouse (1993), Pedro Demo (2005), Corinta M. G. Geraldi (2003), Elisabete M. de A. Pereira (2003), Ilma P. A. Veiga (2004) e Menga Lüdke (2003).

Abordaremos a idéia de transversalidade, rizoma e literatura menor de Guilles Deleuze e Félix Guattari (1995), a idéia de educação menor de Silvio Gallo (2008), criando a partir do conceito de literatura menor e educação menor a idéia também de uma Língua Inglesa menor, resistente à Língua Inglesa Maior, língua posta como dominante.

Abordaremos também a pesquisa no hipertexto baseados nos conceitos de Pierre Lévy (1999) e Vani Kenski (2001), além do uso de *blogs*, Histórias em Quadrinhos utilizando o *software Hagaquê*, apresentações em *power point*, filmes com o *movie maker* e demais trabalhos dos alunos.

Também levantaremos as possibilidades de utilização das tecnologias no contexto de gestão escolar.

Este trabalho acontece de forma rizomática, por isso não se estrutura em forma de capítulos, pois como em *Mil Platôs* de Guiles Deleuze e Félix Guattari, ele pode ser observado a partir de qualquer ponto, que se relaciona, como em um rizoma, com as demais.

Serão abordadas nesse trabalho as contribuições das novas tecnologias¹² às práticas docentes, compreendidas nesse estudo, mais especificamente, ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira – Inglês, e de gestão escolar.

Foi desenvolvido, primeiramente, por um ano, de abril de 2008 a abril de 2009, com 32 alunos da 5ª série B da EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco”, contando com alunos de outras séries e com outros professores, principalmente com a professora de Educação Artística Thelma Raguza.

A análise das contribuições das tecnologias na gestão escolar inicia-se em abril de 2009 e acompanha-me até a presente data, pois há muitas possibilidades e muito a ser desenvolvido.

¹² Utilização da *Internet* para pesquisa, trabalho com o hipertexto, uso do *power point*, do *data show* construção de *blog*, *movie maker*, *HagáQuê*, vídeos, entre outros

Objetivos

Este estudo teve como objetivos:

- Registrar o processo de constituição do acesso dos alunos da escola pública às tecnologias e mídias;
- Analisar as contribuições da utilização das novas tecnologias nas práticas de sala de aula e de gestão escolar;
- Registrar, bem como socializar, como se processou uma prática pedagógica de valorização da cultura brasileira através de pesquisas feitas pelos alunos deslocando-se a idéia de dominação cultural ao se aprender uma língua estrangeira, neste caso, o Inglês;
- Socializar uma metodologia de ensino e aprendizagem que prima por inserir o aluno em contextos de pesquisa;

Problematização

Tais objetivos surgiram do questionamento sobre o quanto as tecnologias poderiam ser mais exploradas na escola pública, e ainda não são, e sobre o quanto, paradoxalmente, nossos alunos, *nativos digitais*¹³, desejam explorá-las.

Surgiram também da indagação: por quantos excluídos digitais seremos responsáveis caso não promovamos o acesso às tecnologias aos nossos alunos da escola pública? Tal preocupação ganha peso ao nos depararmos com a seguinte ideia:

[...] Assim como a ecologia opôs a reciclagem e as tecnologias adaptadas ao desperdício e à poluição, a ecologia humana deverá opor a aprendizagem permanente e a valorização das competências à desqualificação e ao acúmulo de detritos humanos (aqueles que chamamos de excluídos) (LÉVY, 1999, p. 24).

Como professores da escola pública lutamos pela inclusão digital, temos a responsabilidade de procurar não deixar o aluno mais pobre no *acostamento da auto-estrada do letramento digital*¹⁴, pois

Apesar de numerosos aspectos negativos, e em particular o risco de deixar no acostamento a auto-estrada uma parte desqualificada da humanidade, o ciberespaço manifesta propriedades novas, que fazem dele um precioso instrumento de coordenação não hierárquica, de sinergização rápida das inteligências, de troca de conhecimentos, de navegação nos saberes e de autocriação deliberada de coletivos inteligentes (Ibidem, p.117).

Nesse sentido, nossos objetivos emergiram também da reflexão sobre as múltiplas possibilidades que as tecnologias imprimem à pesquisa e a um ensino-aprendizagem da

¹³ *Eles são capazes de ver TV, ouvir música, teclar no celular e usar o notebook, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, são multitarefas. Adoram experimentar novos aplicativos, têm facilidade com blogs e lidar com múltiplos links, pulando de site em site, sem se perder. Interagem mais uns com os outros (...). Esta é uma pequena descrição dos Nativos Digitais, termo que define os nascidos depois dos anos 80. Opondo-se a eles estão os Imigrantes Digitais, outra terminologia recente que engloba as pessoas que não nasceram na era digital mas que estão aprendendo a lidar com a tecnologia (...).* Elis Monteiro em *Nativos Digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica*, artigo publicado em 18/05/2009, 3h43m, em <http://oglobo.com/tecnologia/mat/2009/5/18>

¹⁴ Esse novo letramento considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais (Xavier, A.C. dos S. Letramento Digital e ensino (UFPE), prelo.

Língua Inglesa que resista a uma dominação cultural imposta pelos livros didáticos, pela mídia, às vezes até por professores, desvinculando a língua de uma padrão americanizado, vinculando-a à pesquisa.

Trabalhamos as contribuições das tecnologias e a língua inglesa através do tema *Cândido Portinari*, com o objetivo de explorar o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa com foco na cultura brasileira, deslocando a perspectiva de ensino de Língua Inglesa como dominação cultural, para sua utilização como ferramenta/instrumento, assim como as tecnologias.

Na atualidade, as tecnologias precisam ser vistas como geradoras de oportunidades (...) pelas múltiplas oportunidades de comunicação e interação entre professores e alunos – todos exercendo papéis ativos e colaborativos na atividade didática. “Professores e alunos, reunidos em equipes ou comunidades de aprendizagem, partilhando informações e saberes, pesquisando e aprendendo juntos; dialogando com outras realidades, dentro e fora da escola, é o novo modelo educacional possibilitado pelas tecnologias digitais”¹⁵ (KENSKI, 2001, p. 198).

Metodologia de pesquisa

Por conta de nossos questionamentos, de nosso desejo de mudar a realidade do aluno, mudar a realidade da sala de aula, conscientizar nosso aluno para aprendizagem da Língua Inglesa sem ser dominado culturalmente, valorizando sua cultura, realizamos esta pesquisa qualitativa, sob a forma de pesquisa-ação, com bases nas ideias de Kenneth M. Zeichner (1995), John Elliot (1990), Lawrence Stenhouse (1993).

¹⁵ Vani Kenski. Education in the new age. In: *Telecom*, 2000, Daily, p.32.

Agentes de mudanças através da pesquisa-ação

Zeichner (1995), apoiado em Elliot (1990) e Stenhouse (1993) propõem a superação da exclusão social em que se encontram grande parte de nossa sociedade. Zeichner (1995) aponta que os professores não podem figurar “como meros executores passivos de idéias concebidas em outras partes” (p. 386), mas como agentes de mudanças na escola, com a

(...) preocupação explícita com a reconstrução social, reconstrução que ajude a nos aproximarmos de um mundo em que esteja ao alcance de todos o que desejamos para nossos filhos. Este é o tipo de mundo que nos satisfaria e nada, nem sequer coisas tão sagradas como o ensino reflexivo e a pesquisa-ação, merece nosso apoio, salvo que nos ajude a nos aproximarmos desta ordem de mundo. (ZEICHNER, 1995, p.397)

Em uma concepção humanística de educação, vinculada ao desejo de emancipação dos sujeitos de qualquer tipo de autoritarismo, a pesquisa conduz à inovação intelectual potencialmente capaz de gerar mudanças sociais, desenvolvendo virtudes tais como “curiosidade, paciência, tenacidade, persistência, abertura mental, valor intelectual, honradez consigo mesmo e humildade” (ELLIOT, 1995, p.159).

Postular um ensino baseado na pesquisa é, ao meu ver, pedir-nos, como professores, que compartilhem com nossos alunos ou estudantes o processo de aprendizagem do saber que não possuímos, deste modo podem obter uma perspectiva crítica da aprendizagem que consideramos nossa. (STENHOUSE, 1996, p. 159)

Os professores fazem muitas escolhas e opções todos os dias que afetam a vida, as oportunidades e as chances das crianças e que têm implicações para a igualdade e a justiça sociais (Zeichner, 1995d, p.1), por isso nossa escolha pela reflexão, pelo diálogo, pela pesquisa de nossa prática, pela pesquisa-ação:

(...) um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p.14)

Geraldi, Messias e Guerra (2003) apontam que na pesquisa-ação, os professores pesquisam sobre sua prática, as condições sociais de seu trabalho, o contexto sócioeconômico-político e cultural em que estão inseridos, na busca de uma perspectiva multicultural (ZEICHNER, 1993^a, p. 48; 1995c, p.), pensando/refletindo sobre atividades cotidianas, teorizando, criando saberes.

Escola, espaço educativo da pesquisa

A escola e a pesquisa

Em todo seu potencial, em todas suas possibilidades, a escola apresenta um ambiente onde o desafio da pesquisa acompanha as crianças, tão curiosas, atentas às descobertas, investigativas.

Trazem desde a mais tenra idade questionamentos criativos, inventam soluções próprias, criam relacionamentos alternativos, incitam motivações emancipatórias¹⁶. São sujeitos que desde a primeira respiração apresentam expressões de um ser que reclama, reage, busca, é capaz de pesquisar criativamente. A pesquisa faz parte da noção de vida criativa (DEMO, 2005).

A pesquisa é atividade inerente ao ser humano, um modo de aprender o mundo (VEIGA, 2004). Muito mais que a instrução pela instrução, transmissão, reprodução, aula copiada, prisão da criatividade cerceada¹⁷, hoje ainda tão persistentes, a pesquisa faz emergir elaborações feitas de mão própria pelo aluno (Ibidem), de modo aproximativo, envolto de curiosidade e descobertas. Aprende a aprender.

Como intercessores da escola pública, é imprescindível que busquemos através da pesquisa fomentar nas crianças as possibilidades de inventar e reinventar um mundo diferente ao anteriormente esboçado aos nossos alunos, engajados na luta pela justiça social com vistas a diminuir a dor e o sofrimento associados à injusta distribuição de direitos como a educação.

A pesquisa confere a nós professores um poderoso veículo para uma atividade criativa e crítica, ao questionarmos e propormos soluções para os problemas vindos do interior da escola e fora dela (LÜDKE, 2003).

A importância da pesquisa feita pelo professor

D. Schön, H. Giroux, J. Elliot, K. Zeichner têm afirmado a importância da pesquisa junto ao professor de educação básica, não como resultado do trabalho feito por pesquisadores externos, mas realizada pelo próprio professor, de maneira integrada ao seu trabalho na escola, dentro de um processo ação e reflexão (LÜDKE, 2003).

¹⁶ Emancipação (DEMO, 2005) é o processo histórico de conquista e exercício da qualidade de ator consciente e produtivo. Formação do sujeito capaz de se definir e ocupar espaço próprio, recusando ser reduzido a objeto. Tomada de consciência crítica ao descobrir sua condição social e luta para sair da condição histórica imposta que pode ser motivada por nós educadores.

¹⁷ A escola, as salas de aula, lugar em si privilegiado para processos emancipatórios através da ação educativa, podem torna-se prisão da criatividade cerceada, à medida que se instala um ambiente meramente transmissivo e imitativo de informações de segunda mão. Na frente está quem ensina, autoridade incontestável, na platéia quem reproduz incontestavelmente (DEMO, 2005).

[...] ao pesquisar o professor se torna aprendiz, constrói o conhecimento, vive a alegria e o prazer deste processo. Também vive o rigor, esforços, disciplina, o treino da vontade, na vivência consciente desse processo, adquire novos hábitos de estudo, atenção, curiosidade, inventividade. E, assim, pode se aproximar (e muito) do que poderia vivenciar com seus alunos, transformando a tarefa docente (como é vista por muitos) na desafiante parceria da construção da sala de aula (ANASTASIOU, 1997, p.112).

A pesquisa transcende à transmissão de conhecimentos, desenvolve potencialidades, faz intercambiar, compartilhar, confrontar, debater idéias, gera novas estruturas mentais. O professor-pesquisador cria condições para que os alunos aprendam a pesquisar, motivando-os a assumir sua experiência educativa como fonte de conhecimento. *Pesquisar o que se aprende não apenas para constatar, mas para mergulhar no ato de aprender* (VEIGA, 2004).

Contexto do estudo

Desenvolvemos nossa pesquisa com 32 alunos da 5ª série B da EMEF “Humberto de Alencar Castelo Branco” juntamente com a professora de Educação Artística Thelma Ragusa no ano de 2008 e início de 2009, além de termos contado com a colaboração dos demais professores e alunos de outras séries.

Trabalharemos em grupo, porque ao trabalharmos juntos nos tornamos mais fortes, por acreditarmos que o apoio mútuo sustenta o crescimento uns dos outros professores, para que nossa voz, ainda pouco ouvida e valorizada (ZEICHNER, 1997c, p.1), uma voz menor, ganhe força e provoque mudanças na criança, nos colegas, na escola, na cidade, no mundo.

Como aponta Pereira (2003), A pesquisa-ação reforça a postura colaborativa dos professores. A prática educativa não é criação isolada. Os professores-pesquisadores ao refletirem sobre suas práticas, trabalham dialogicamente com seus colegas e não deixam de lado influências curriculares.

No início de 2008, quando iniciamos o curso *Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente* sugerimos aos alunos o desenvolvimento de uma pesquisa que utilizaria as disciplinas de Educação Artística e Língua Inglesa.

Partiu dos alunos que estudássemos sobre o artista brasileiro Cândido Portinari, fizéssemos pesquisas na *Internet* sobre sua vida e obras utilizando a língua inglesa o que foi feito durante os meses de abril, maio, junho e julho de 2008, quando coletamos nossos dados, durante os noventa minutos semanais de aula de que dispúnhamos.

Foram meses de compartilhamento de informações, descobertas e, o principal, de acesso às tecnologias por parte dos alunos. Também realizamos muitas fotos e vídeos sobre nosso trabalho.

No segundo semestre de 2008, os alunos apresentaram o trabalho realizado na V Feira do Ciência na Escola que aconteceu no CEFORTEPE¹⁸ e na *Mostra Cultural* da EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco” que contou com a presença do Secretário Municipal de Educação Graciliano de Oliveira Neto.

Em ambos os eventos os alunos exporam a pesquisa desenvolvida através de uma apresentação em *power point* utilizando um *data show* manuseado exclusivamente por eles. A professora Thelma e eu somente os assistimos muito satisfeitas com nossos alunos de 5ª série, tão familiarizados com as tecnologias. Também apresentaram em Língua Inglesa as partes do trabalho em que mencionavam o que pesquisaram na *web* na língua alvo¹⁹.

Em 2009 realizamos *blogs*, onde os alunos postaram suas produções, em forma de histórias em quadrinhos, utilizando o *software HagáQuês* e filmes, utilizando o *movie maker*, referentes à pesquisa realizada.

Aliado ao acesso às tecnologias, ao ensino de Língua Inglesa como resistência desenvolvemos esta pesquisa-ação, pesquisa da prática, abordando também as implicações deste trabalho a outros caminhos que surgiram no decorrer do desenvolvimento dela, como rizomas²⁰, a gestão escolar.

Apresentamos aqui imagens de rizoma:

¹⁸ Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional “Prof. Milton de Almeida Santos” da Prefeitura Municipal de Campinas.

¹⁹ A língua estrangeira a ser aprendida, no caso a Língua Inglesa.

²⁰ Na Botânica, a noção de rizoma foi adotada da estrutura de algumas plantas cujos brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, assim como engrossar e transformar-se em um bulbo ou tubérculo; o rizoma da botânica, que tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independente de sua localização na figura da planta, serve para exemplificar um sistema epistemológico onde não há raízes - ou seja, proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras - que ramifiquem-se segundo dicotomias estritas. Deleuze e Guattari sustentam o que, na tradição anglo-saxã da filosofia da ciência, costumou-se chamar de antifundacionalismo (ou antifundamentalismo, ou, ainda, antifundacionismo): a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas sim elabora-se simultaneamente a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes observações e conceitualizações. Isto não implica que uma estrutura rizomática seja necessariamente flexível ou instável, porém exige que qualquer modelo de ordem possa ser modificado: existem, no rizoma, linhas de solidez e organização fixadas por grupos ou conjuntos de conceitos afins. Tais conjuntos definem territórios relativamente estáveis dentro do rizoma. Acesso em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rizoma_\(filosofia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rizoma_(filosofia))



Figura 2 – Fotos de rizoma de grama da EMEI “Pofa. Else Feijó Gomes”



Figura 3 – Fotos de rizoma de grama da EMEI “Profª. Else Feijó Gomes”

As tecnologias, educação menor, os rizomas, a transversalidade

Vivemos em um império de opiniões dominado pelas mídias, condenados às fáceis certezas que negam o caos, a multiplicidade, as possibilidades (DELEUZE e GUATTARI, 1997). Mas o que importa não é vencer ou fugir do caos, mas conviver com ele e tirar dele possibilidades criativas (GALLO, 2008).

Uma das dimensões fundamentais do ato de educar é ajudar a *encontrar uma lógica dentro do caos de informações* que temos, organizá-las em uma síntese coerente, mesmo que momentânea, compreendê-las (...) Uma segunda dimensão pedagógica procura *questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la*, para modificá-la (...) Para isso o professor precisa questionar, criar tensões produtivas e provocar o nível de compreensão existente (MORAN, 2009)²¹.

Atualmente as tecnologias e a Língua Inglesa podem ser exploradas de inúmeras formas com nossos alunos, sedentos de navegar por ondas cibernéticas cheias de novidades, possibilidades, multiplicidades. Entre elas, uma forma em que encontrem seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, buscando operarem transformações, por menores que sejam (DELEUZE e GUATTARI, 1977).

²¹ Acessível em [HTTP://www.sca.usp.br/prof/moran/utilizar.html](http://www.sca.usp.br/prof/moran/utilizar.html)

No cotidiano da sala de aula, como na obra *Kafka – por uma literatura menor*, em que Deleuze e Guattari analisam a obra de Franz Kafka, judeu tcheco que subversivamente se apropria da língua alemã em seus escritos. O que Deleuze e Guattari conceituam de literatura menor, podemos insistir em uma educação menor (GALLO, 2008), comprometida com a singularização, com valores libertários, capaz de disparar transformações no *status quo*.

A literatura menor não se opõe ou nega a literatura maior. Apresenta-se como um outro uso da língua, a partir da criação de outras regras coerentes com o grupo sócio-cultural onde se encontra inscrita. Caracteriza-se por três aspectos: a *desterritorialização* da língua que a faz ser falada por pessoas de outras culturas e utilizada como expressão de grupos diferentes: os pobres, os habitantes de guetos, os excluídos, marginalizados, os ‘sem-estudos’, os não escolarizados o suficiente para assimilar a literatura maior; *ramificação política*, por representar resistência aos poderes instituídos por criar novas codificações e se rebelar contra o que é afirmado pela maioria; valor coletivo, por veicular concepções dos grupos que a enunciam:

(...) a literatura menor não é a criação de uma língua menor, mas a apropriação de uma língua maior por uma minoria (...), uma literatura menor não é uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua maior (GALLO, apud GARCIA e d’ABREU, 2009).

Silvio Gallo desloca o conceito de literatura menor para a Educação, a educação menor, resistência à educação maior, reguladora, aos currículos oficiais, às pesquisas originárias da ciência maior, que neutralizam os sentidos do cotidiano escolar (GARCIA e d’ABREU, 2009).

Em nossa pesquisa podemos pensar no conceito de um “Inglês menor”: o Inglês utilizado por nós, os menos favorecidos, resistente às potências mundiais globalizantes, que trabalhamos a nova língua dentro de uma abordagem da valorização da cultura brasileira, utilizando a Língua Inglesa como ferramenta, desterritorializando-a, fazendo com que raízes flutuem, escapando da territorialidade forçada, provocando novas buscas, encontros e fugas.

O ato da existência da literatura menor, da educação menor, em nosso caso do Inglês menor, é político, revolucionário: um desafio ao sistema instituído, uma máquina de resistência; ao contrário da literatura maior que se preocupa em territorializar-se no sistema de tradições a toda força (GALLO, 2008, p. 76 e 78).

A educação menor, o inglês menor, como a literatura menor, age por agenciamentos, coletivamente, nas trincheiras da sala de aula, onde nossa estratégia é a resistência.

A educação menor é rizomática, importa

Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre os alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores. Manter os projetos abertos: “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas (...) intermezzo” (GALLO, 2008, p.82 e 83).

A ideia de rizoma rompe com a hierarquização. São múltiplas as linhas de fuga, múltiplas possibilidades de conexões, aproximações, cortes, percepções que levam à transversalidade (GALLO, 2008).

Transitar pelas tecnologias utilizando a transversalidade com o uso da língua inglesa ou em estratégias de gestão escolar é transitar pelo território do saber como as sinapses²² viajam pelos neurônios.

A transversalidade rizomática, por sua vez, aponta para o reconhecimento da pulverização, da multiplicação, para atenção às diferenças e à diferenciação, construindo possíveis trânsitos pela multiplicidade dos saberes, sem procurar integrá-los artificialmente, mas estabelecendo policompreensões infinitas (GALLO, 2008, p. 97).

Ramal (2002) aponta que estamos chegando a uma forma de leitura e escrita mais próxima de nosso próprio esquema mental. Pensamos em hipertexto²³, sem limites, sem limites para imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra. Navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

A organização hierárquica e disciplinada das idéias da escrita no papel contraria o fluxo natural do pensamento que no hipertexto se dá por associações em rede (BOLTER, 1991), formando rizomas, transversalidades.

Pierre Lévy considera que vivemos uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes, percorrendo bibliotecas. Agora temos um *texto*

²² *O pensamento não é arborescente, e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. Aquilo a que chamamos, injustamente, 'dentritos' não asseguram um conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células (...) o funcionamento das sinapses, a existência das microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por sobre essas fendas, fazem do cérebro uma multiplicidade que mergulha, em seu plano de consistência, num sistema de incerteza probalística, uncertain nervous system.* (DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Platôs I. Paris, 1980, p.25)

²³ O hipertexto e seus desdobramentos hipermediáticos caracterizam-se por serem formas não lineares de apresentar e consultar informações. Através de uma rede de associações complexas são integrados, de forma interativa, textos escritos, imagens, sons e vídeos. (KENSKI, 2001, p.133)

móvel, caleidoscópico, que apresenta suas faces, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade do leitor (LÉVY, 1999, p.5).

[...] no limite, só há hoje um único computador, um único suporte para texto, mas tornou-se impossível traçar seus limites, fixar seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma, um computador hipertextual, disperso, vivo, pululante, inacabado, virtual, um computador de Babel: o próprio ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.47).

A utilização das novas tecnologias na aprendizagem de uma nova língua

O espaço da escola é mágico. Nele se realiza o milagre permanente do aprender e do abrir-se para o mundo, (KENSKI, 2001, p. 123).

Espaço mágico em que alunos e professores podem criar alternativas pedagógicas, trilhando caminhos, ao caminhar (NEVES, 2007), de maneira que o método se forme em um processo de pesquisa e não direcione ações a *priori* (OLIVEIRA, 2007), valoriza a co-participação, a parceria com o aluno, como propõe Vigotski, *apud* Kenski (2001, p.137):

(...) nas idéias de Vigotski que o poder da fala do professor é substituída pela interação, pela troca de conhecimentos e pela colaboração grupal a fim de se garantir a aprendizagem. Fortalece-se o diálogo e as trocas de informações. As aprendizagens, o desenvolvimento do pensamento (...) realizam-se através da interação comunicativa, o que possibilita a construção social do conhecimento,

Nesse sentido, trabalhamos com as novas tecnologias pela elaboração própria do aluno por meio da pesquisa em contraposição à aula copiada (DEMO, 1997). O aluno como parceiro de trabalho com a professora / orientadora, ambos em busca da qualidade do que se está aprendendo e ensinando (GARCIA, 2004) através da pesquisa:

Ensinar e pesquisar significa estimular a criatividade, o espírito investigativo, a curiosidade. A pesquisa é atividade inerente ao ser humano, um modo de aprender o mundo (...) instrumento de ensino, de aprendizagem e de avaliação. É o ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade. (VEIGA, 2004, p.17)

A língua inglesa a partir do uso das novas tecnologias e do tema Cândido Portinari

Educação que fomente nas crianças a potencialidade de inventar e lançar as bases de um mundo diferente daquele anteriormente esboçado (DICKEL, 2003, p. 42).

Educar para a Cidadania significa prover os indivíduos de instrumentos para a plena realização desta participação motivada e competente, desta simbiose entre interesses pessoais e sociais, desta disposição para sentir as dores do mundo (MACHADO, 2000, p.43).

A pesquisa “Aprendendo uma nova língua a partir de Cândido Portinari”, desenvolvida em 2008 com alunos da 5ª série do ensino fundamental da EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco”, teve como objetivo utilizar as tecnologias e a língua inglesa como instrumento para a leitura de textos escritos em inglês sobre o artista Cândido Portinari, artista expressionista da Escola Nacional de Belas Artes, sua vida, contexto histórico, reconhecimento internacional e o “humano” retratado em suas obras, além de produzir vocabulário em inglês referente às Artes, atendendo a um currículo participativo e apropriado ao aluno.

Sabemos que a formação integral do aluno concerne tanto a sua instrumentalização quanto sua formação social. Engendramos, por isso, um ensino/aprendizagem de língua estrangeira, Inglês, com vistas a uma postura consciente do aluno com relação à sua aprendizagem, à sua cultura, à sua participação, às suas interações acerca da construção de seu conhecimento através do uso das novas tecnologias: computador, filmagem, fotografia.

Buscamos também a democratização do acesso às novas tecnologias, uma vez que todos os alunos desejam trabalhar com computadores, mas nem todos, ou a maioria deles na escola pública não têm acesso por conta da situação sócio-econômica de suas famílias.

Assim, procuramos, através do estudo sobre Cândido Portinari o acesso às tecnologias e aprendizagem da língua que proporcionasse ao aluno a condição de sujeito de seu uso, sem ser dominado culturalmente por ela, uma vez que a cultura brasileira, que é a nossa cultura, está sendo estudada / valorizada, através de obras deste renomado artista brasileiro.

Através do uso da *Internet* e do instrumento / ferramenta língua inglesa o aluno percebe sua cultura brasileira difundida para falantes de outras línguas, sejam falantes de

inglês como primeira língua, seja por pessoas que a ela tenham acesso como língua estrangeira por meio da rede mundial de computadores.

Com tanto acesso a informações, diversidades de insumo, textos em inglês, ilustração de obras, poemas, difusão da cultura brasileira de forma muito acessível para pessoas de todo o planeta promove a democratização do conhecimento, se for assegurado o acesso à *Internet* aos menos favorecidos através de instituições como a escola pública.

Como apontado por Silveira (2003), a exclusão digital não representa uma mera consequência da pobreza crônica, mas torna-se fator de congelamento da condição de miséria e de grande distanciamento em relação às sociedades ricas. Entretanto, a escolar pode mudar esse cenário de exclusão digital, promovendo acesso às tecnologias.

Segundo Demo (2005, p.37) (...) *a alfabetização digital significa habilidade imprescindível para ler a realidade e dela dar minimamente conta, para ganhar a vida e, acima de tudo, ser alguma coisa na vida.*

As contribuições de pesquisa no hipertexto à autonomia de escolha do aluno acerca da construção de seu conhecimento

Diversidade de insumo acerca do tema, imagens, textos não lineares lidos simultaneamente formam uma rede de textos em que o leitor escolhe por onde transitar, o hipertexto, que demanda autonomia e responsabilidade diante da multiplicidade de escolhas a serem feitas.

(...) escritores e leitores de hipertexto dependem de um esquema organizacional baseado no computador que lhes permita moverem-se, rápida e facilmente, de uma seção de texto (...) para outras seções relacionadas ao texto (JOHNSON-EILOLA, 1994, p. 197).

Muitas crianças nunca acessaram a computadores na 5ª série. Também nunca tiveram acesso à aprendizagem da Língua Inglesa. Trabalhamos com as possibilidades da *educação menor* no cotidiano da escola, com vias de promover resistência à dominação cultural e promover acesso às tecnologias e à língua inglesa como artifício de possibilitar aparatos básicos para que nossos alunos relacionem-se satisfatoriamente no contexto social que podem ter acesso através da construção de seu processo educativo.

A instrução é o ato de instrumentalizar o aluno, fornecendo a ele os aparatos básicos para que possa se relacionar satisfatoriamente com a sociedade e com seu mundo. A instrução trabalha a aquisição das ferramentas de

comunicação: (...) Além da língua materna, outras ainda podem ser trabalhadas, garantindo um aprofundamento do conhecimento da própria língua original e abrindo novas perspectivas (...) De posse das ferramentas básicas para a comunicação e o entendimento, a instrução procura também fornecer aos alunos os conhecimentos básicos sobre o mundo e sobre a sociedade (...), (GALLO, 2001, p. 18 e 19).

A pesquisa em Língua Inglesa sobre Cândido Portinari foi desenvolvida em conjunto com a pesquisa “Cândido Portinari: um estudo da imagem pictórica através de instrumentos tecnológicos”, pela professora de Educação Artística Thelma Ragusa Guimarães, na EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco”, com a participação de 32 alunos da 5ª série B.

O tema da pesquisa foi escolhido a partir de questionamentos sobre Cândido Portinari e a observação de que muitos alunos desconheciam-no. Cândido Portinari foi-lhes apresentado e o desejo de pesquisar sua vida, obra e contexto histórico em que suas obras foram criadas emergiu.

Havia várias solicitações da escola para o desenvolvimento de outros projetos: os 100 anos da imigração japonesa, as olimpíadas, a adolescência, o aniversário de 40 anos da escola e todas deveria ser atendidas.

Sentimos que se propuséssemos o rizoma, daríamos conta de todas as solicitações, sem perder o foco de nosso projeto sobre o estudo da imagem pictórica de Portinari. Era preciso iluminar a raiz para disparar conexões (Profª.Thelma Ragusa).

Conversamos com os alunos sobre o projeto que integraria as disciplinas de Artes e Inglês, levantamos o que os alunos entendiam por pesquisa e a opinião deles sobre realizar a pesquisa sobre Cândido Portinari com as duas disciplinas e como poderíamos trabalhar a fim de explorar a língua inglesa e as novas tecnologias. Iniciamos nosso trabalho com pesquisas na *Internet*.

Os alunos sugeriram trabalhar com pesquisas feitas através da rede mundial de computadores sobre a história de vida de Cândido Portinari, suas obras, sua cidade natal, os países onde ele morou. Vejamos os depoimentos dos alunos acerca desse trabalho:

A minha opinião é que é muito inovador, (Pedro, 5^aB).

Acho interessante porque Artes e Inglês são duas matérias inspiradoras e tranquilas para fazer este trabalho, (Ana Paula T. de Freitas, 5^aB).

Podemos estudar ao ar livre nas mesinhas do pátio, em grupo, (Sara Yoko Hayashi, 5^aB).

Está sendo muito interessante conciliar as duas disciplinas, Artes e Inglês, porque podemos conversar mais sobre o assunto, (Júlia Brandão, 5^aB).

Está sendo fantástico e interessante, (Laís Esteffani Luz Ribeiro, 5^aB).

Utilizamos a *Internet* com os alunos, levantando *sites* de busca que poderiam ser úteis na pesquisa. Diversas informações surgiram. Muitos *sites* mencionados foram apresentados como novidade para classe, como o *altavista*, o *wikipédia*, o *cadê*, o *onde*, visto que a maioria de nós, professora e alunos, utilizamos usualmente o *site* de busca *google*.

Tal informação surgiu de alguns alunos que contribuíram de forma muito significativa no desenvolvimento do projeto. Sempre colaboravam nas atividades, traziam informações, interagiam de forma muito construtiva com os colegas: João Marcos, Vitor, Sara, Bruna Stival, Jordânia, Rubiana, além de todos os outros, sempre muito motivados e participativos.

As pesquisas na *web* sobre a biografia de Cândido Portinari, suas obras e seu contexto histórico geraram socialização das informações tanto no próprio momento da busca de informações, em que todos contaram com ajuda mútua, tanto para a utilização da língua inglesa quanto para o manuseio do computador.

Desenvolvemos vocabulário sobre as cores em inglês, exploramos os conceitos de cores primárias, secundárias, opostas, escuras (*dark* e *light blue*, por exemplo), sombra e luz. Utilizamos o *software tuxpaint* nesse momento para visualizar cores. Focamos a aprendizagem do inglês a partir das cores existentes nas obras de Cândido Portinari. Realizamos essa atividade no jardim da escola como sugerido pela aluna Sara Yoko Hayashi.

Exploramos o poema “O menino e o povoado”, que transcrevo a seguir, em que Cândido Portinari fala de sua terra natal, das brincadeiras de criança. Os alunos ilustraram o poema, escrevendo frases em inglês, denominando as cores e o que surgia de desejo, tudo em inglês, com o auxílio do dicionário, professora e demais colegas, como veremos mais adiante.

Navegando na *Web* com os alunos

Antigamente a busca pela informação era mais ou menos braçal implicando ir de Seca a Meca (visitar bibliotecas, sobretudo). Agora, podemos ter tudo pela *Internet*, rápida e facilmente.” (DEMO, 2007, p.130).

Pela *Internet* (Gilberto Gil)

Criar meu *web site*
Fazer minha *home-page*
Com quantos *gigabytes*
Se faz uma jangada
Um barco que veleje ... (2x)
Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante
Da infomará
Que leve um *oriki*
Do meu velho orixá
Ao pôrto de um disquete
De um micro em Taipé...
Um barco que veleje
Nesse infomar
Que aproveite a vazante
Da infomará
Que leve meu e-mail lá
Até Calcutá
Depois de um *hot-link*
Num *site* de Helsinque
Para abastecer
Aihê! Aihê! Aihê!...
Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via *Internet*
Um grupo de tíetes
De Connecticut
Eu quero tá na rede
Promover um debate
Juntar via *Internet*
Um grupo de tíetes
De *Connecticut*...
De Connecticut de acessar
(...)
Eu quero entrar na rede
Prá contactar
Os lares do Nepal
Os bares do Gabão...
(...)
Eu quero tá na rede
Connect show! Connect show!
Connect show! Connect show!
Connecticut, Connecticut

Foram levantados pelos alunos os *sites*: *altavista*, *cadê*, *yahoo*, *wikipedia*, *onde*. Todos foram pesquisados. Consideramos as páginas mais adequadas as do *site altavista* com páginas

escritas de forma muito simples em língua inglesa. As informações estavam em cor de rosa e o restante do texto em azul, o que facilitaria o entendimento dos alunos. Entretanto os sites apontados como os mais visitados e interessantes pelos alunos foram da *wikipedia* e *google*, conforme o relato feito por eles:

Foi muito interessante a gente aprender que há sites do Portinari em inglês, para estudarmos um pouco de inglês... realizei a pesquisa pela *Internet* da minha escola, fazendo em dupla, a gente anotou tudo que era necessário (Júlia Nunes, 5^aB).

Eu adorei. Temos que realizar mais trabalhos na sala de informática (Jéssica Vieira, 5^aB).

Eu achei ótimo porque eu consegui explorar sites em inglês (Vitor Stavarengo, 5^aB).

Trabalhamos de forma dinâmica, com riqueza de diversidade, com amplitude, através do hipertexto, textos não lineares, com informações interligadas, formando uma teia de textos onde o leitor escolhe por onde vai passear ou direcionar-se nesta teia.

Alguns alunos da 5^a série pediram para utilizar o tradutor do computador. Foi permitido, mas as anotações teriam que ser em língua inglesa em forma de *outline*: tópicos resumidos com destaque às informações importantes do texto.

Primeiramente os alunos navegaram em dupla pelo hipertexto, utilizando dicionário e o tradutor do computador, de forma muito envolvida, interessada, maravilhada, como transparece nas fotos, notem a expressão do João Marcos ao encontrar informações em inglês sobre Cândido Portinari e o semblante da Rubiana também fazendo descobertas:



Figura 4 - João Marcos e Rubiana em pesquisa no *altavista*

Aqui José Otávio, acesso e inclusão digital na escola, abrindo possibilidades de comunicação e trânsito livre pelas idéias do hipertexto, sem barreiras ou limites para a aprendizagem. O aprender sobrepuja obstáculos.



Figura 5 – José Otávio, acessibilidade e inclusão no trabalho com pesquisa

Notamos no lindo olhar das alunas Jordana e Bruna, a beleza e suavidade do aprender interessado e dedicado com a pesquisa na *web*.



Figura 6 - Jordana e Bruna, em pesquisa no *google*

Aprenderam várias informações novas: que existem vários *sites* de busca e que no computador existe um tradutor que pode auxiliar seu aprendizado, os que tiveram acesso a esta informação ficaram muito satisfeitos em descobrirem esta nova ferramenta de auxílio a sua auto-aprendizagem, pois é importante:

(...) privilegiar uma pedagogia que vise o aspecto formativo do estudante e (...), ir criando vetores de forças na direção do desenvolvimento da criatividade, o exercício da liberdade com responsabilidade, da ética (...) (DAMIN, 2004, p.19 e 20).

O acesso às tecnologias da informação e comunicação, junto ao aprendizado da língua estrangeira, torna-se importante artifício de resistência à dominação cultural norte-americana, uma vez que a língua portuguesa tem recebido vocábulos da língua inglesa como resultado das relações políticas, culturais e comerciais com outros países devido ao advento da globalização, o que pode levar a uma dominação cultural, caso a cultura própria do estudante não seja valorizada por ele, pois:

(...) as forças que lutam para manter tudo no mesmo lugar são muitas e fortes – são os defensores da globalização pelo alto, a globalização neoliberal. Nós participamos da luta por uma globalização numa perspectiva emancipatória. Uma globalização que resulta da solidariedade de preocupações dos que lutam por um mundo melhor (...) (GARCIA *in* OLIVEIRA, 2007, p. 127)

Por esta razão, o ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira deve se pautar em uma abordagem da língua alvo como instrumento, como ferramenta para conhecimento de outras culturas e da nossa também, valorizando a cultura de nosso povo, favorecendo a apropriação da língua estrangeira como ferramenta de resistência:

(...) deslocando o poder dominante para os micro-poderes no espaço da sala de aula, na micro-política, onde as ações de cada um podem ter relevância para comunidade, convergindo para Foucault (1979) quando diz que só haverá mudanças na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo e ao lado dos aparelhos de estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, forem modificados, (DAMIN, 2004, p.22 e 23).

Associar a aprendizagem de língua inglesa ao acesso às tecnologias da informação e comunicação visando a formação do educando da escola pública, que muitas vezes não possui acesso a computadores e/ou à *Internet*, significa deslocar o poder dominante aos micro-poderes cotidianos e elementares.

Na atualidade, as tecnologias precisam ser vistas como geradoras de oportunidades para se alcançar esta sabedoria, não pelo simples uso da máquina, mas pelas múltiplas oportunidades de comunicação e interação entre professores e alunos – todos exercendo papéis ativos e colaborativos na atividade didática. Professores e alunos, reunidos em equipes ou comunidades de aprendizagem, partilhando informações e saberes, pesquisando e aprendendo juntos; dialogando com outras realidades, dentro e fora da escola, este é o novo modelo educacional possibilitado pelas tecnologias digitais, (KENSKI, 2001).

A voz do aluno

A palavra instaura o mundo do homem. A palavra como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as(...) a palavra humana imita a palavra divina: é criadora (...) o homem hominiza-se expressando, dizendo seu mundo (...) a palavra que diz e transforma o mundo (FIORI, in FREIRE, 1970, p.12/14)

As multivozes da escola constituem e desconstituem a Educação cotidianamente. Constituem e desconstituem o professor, a sala de aula, as atitudes dos alunos, dos pais, da comunidade. Ao navegar na *web* em busca de saberes em Língua Inglesa sobre Cândido Portinari, constituímos uma forma diferente de produção de conhecimento que motivou os alunos. Vejam suas falas:

Foi divertido porque eu fiquei sabendo mais sobre Cândido Portinari e também porque foi em inglês... A aula foi muito legal, (Lais Esteffani Luz Ribeiro, 5^ªB).

Achei muito interessante (os sites de Portinari em inglês) porque aí pessoas de outros países podem conhecer Cândido Portinari e os seus quadros, (Vinícius, 5^ª B).

Envolvimento resultante de liberdade do pensar, imaginar, pesquisar, utilizar as tecnologias, escolher, escrever, criar. Pode-se imaginar e deixar imaginar, “*live and let live*”, “escrever e deixar escrever” (KRAMER, 2001), acrescento falar e deixar-se falar, isso significa falar por afetos e intensidades, possibilitado pela dinâmica criada pelo grupo. Isso nos remete ao falar em nome próprio em Foucault, o que significa:

(...) nomear as potências impessoais, físicas e mentais que enfrentamos e combatemos quando tentamos atingir um objetivo, e só tomamos consciência do objetivo em meio ao combate. Nesse sentido, o próprio Ser é político. (DELEUZE, 200, p.111).

Surpreendem-se no exercício do pensar, conhecer e pesquisar com o ilustre artista brasileiro, Cândido Portinari, reconhecido mundialmente.

Ao construir o conhecimento em Língua Inglesa ao mesmo tempo aprendem sobre Artes, História, Informática, além de exercitar posturas colaborativas, participativas. Constroem suas aprendizagens de forma coletiva e significativa. Observe suas falas sobre a pergunta: Por que existem *sites* sobre Cândido Portinari em inglês:

Há porque ele é muito importante e o mundo inteiro precisa conhecer suas obras (Vinícius B. da Silva, 5ªB).

Eu acredito que existem porque as pessoas estrangeiras querem pesquisar, (sobre ele) (Sara Yoko Hayashi, 5ªB).

Porque Cândido Portinari é conhecido mundialmente. (Eduardo Santos Cruz, 5ªB).

Porque existem quadros dele no exterior, há pessoas que gostam de sua história (Douglas W. C. Carvalho, 5ªB).

Observamos que formam sua História valorizando sua cultura, uma vez que inicialmente não sabiam quem era Cândido Portinari e seu reconhecimento mundial. Cabe lembrar que *não há história sem homens como não há uma história para os homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz, como disse Marx* (FREIRE, 1970, p.152).

Socializamos as pesquisas feitas no hipertexto através de um *brainstorm*²⁴. Explicamos aos alunos o que era um *brainstorm*, que eles falariam o que lhes viesse à mente da aula anterior e colocaríamos na lousa da seguinte forma: “Cândido Portinari” no centro de um círculo e escreveríamos as idéias que surgissem, como nos mostra a aluna Júlia Brandão Nunes, 5ªB:

²⁴ “tempestade cerebral” onde as idéias surgem espontaneamente.

Brainstorm - Candido Portinari - his life

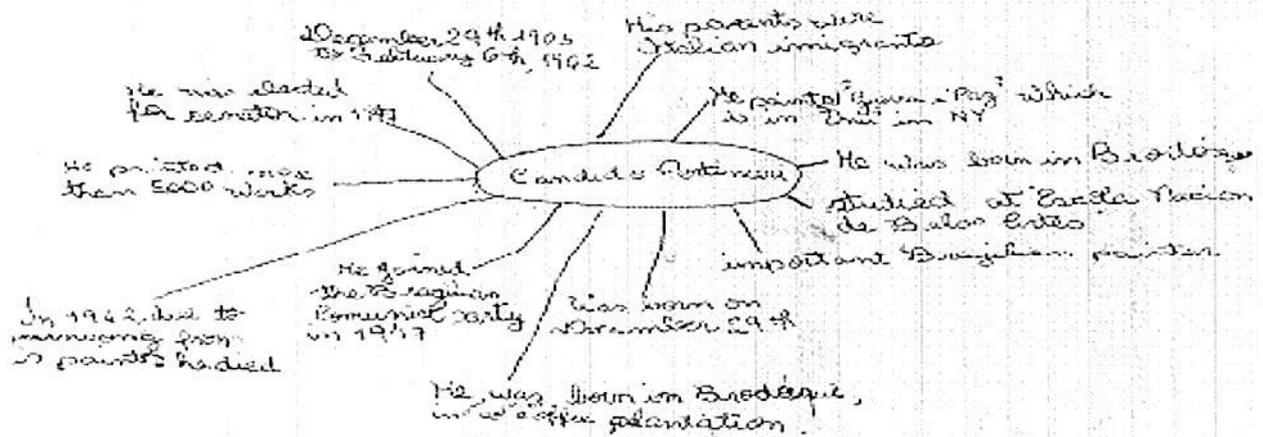


Figura 7 – Brainstorm a partir de informações coletadas no hipertexto

Em depoimento, a aluna expressa a atitude colaborativa entre os colegas:

Foi muito interessante a gente aprender que há *sites* do Portinari em inglês... Eu aprendi com essa atividade que nós temos que ajudar uns aos outros, hoje a gente aprendeu bastantes palavras novas, várias informações, montamos um brainstorm, **todos ajudaram** a dar informações, respondemos algumas questões sobre a pesquisa e outras coisas, (Júlia B. Nunes, 5ªB).

Observamos na fala dos alunos a importância das interações entre os pares aluno-aluno, da descentralização da figura do professor quando todos constroem juntos a aprendizagem, ajudando uns aos outros, numa parceria que contempla não só relações professor/alunos, mas sobretudo alunos/alunos.

Foi muito bom, pois cada um ajudou a concluir a atividade se não sabia falar, mostrava o caderno, nós nos divertimos muito, cada um deu uma idéia, até o Matheus Cândido falou um pouco, todos falaram um pouco. Eu gosto muito de fazer esses tipos de atividades, (Sara Yoko Hayashi, 5ªB).

“Eu realizei a pesquisa com a ajuda dos meus amigos e consegui terminar em tempo... gostei do *brainstorm* porque põe a gente para quebrar a cabeça e isso é muito interessante...” (Rubiana Marques Rodrigues, 5ªB).

“Fizemos na aula de hoje um *brainstorm*, uma atividade de classe que troca opinião e é muito legal... aprendemos bastante...” (Matheus Cândido, 5ªB).

A expressão *gostei do brainstorm porque põe a gente para quebrar a cabeça e isso é muito interessante...*, mostra que gostam de ser desafiados, “quebrar a cabeça” no sentido de exercitar o pensar, criar, fazer coisas próprias.

As vozes e posturas dos alunos evidenciam o prazer que sentem ao aprender na sala de informática e a interação entre eles, produzindo um conhecimento de mão própria (DEMO, 2005), onde cada aluno selecionou sites e informações, tomou notas e depois compartilhou com todos uma produção feita por ele. A dinâmica de cooperação criada pelos alunos propiciou (...) *um vaivém constante entre suas idéias e a concretização delas na tela resultando num produto carregado de sentido não só cognitivo, mas também afetivo*, (RIPPER, 1996, p. 2).

Estudamos as cores em inglês, posteriormente fomos à sala de informática para pesquisar sobre cores primárias, secundárias e opostas, utilizando sites de busca e o software *tuxpaint*. Trabalhamos com as cores em inglês e obras reproduzidas por eles de Portinari. Depois, exploramos o poema “O menino e o povoado”. Ilustraram o poema e escreveram cores, cores acompanhando substantivos, com atenção para a posição da cor ao substantivo a que se refere. Além disso, construíram frases relativas à ilustração produzida, como veremos adiante.

Colors - Aprendendo ao ar livre após pesquisa na web e uso do tuxpaint²⁵

Podemos estudar ao ar livre (...) nas
mesinhas do pátio, em grupo
(Sara Yoko Hayashi)

No jardim da escola como o sugerido pela aluna Sara, utilizamos desenhos de Cândido Portinari desenvolvidos, a partir de pesquisas feitas através da *Internet*, pelos alunos para denominarmos as cores em inglês, aprendidas através do *software tuxpaint*, sem tradução, mas transitando entre tecnologia, arte, história, uma nova língua, o inglês, o ambiente agradável ao ar livre e o que mais surgisse de interesse. Foi um momento muito agradável para todos nós, alunos e a professora, como podemos observar a seguir.

²⁵ *Software* que pode ser utilizado para realização de desenhos utilizando as mais diversas cores.



Figura 8 – Produzindo no jardim



Figura 9 – Trabalhos em grupo no jardim

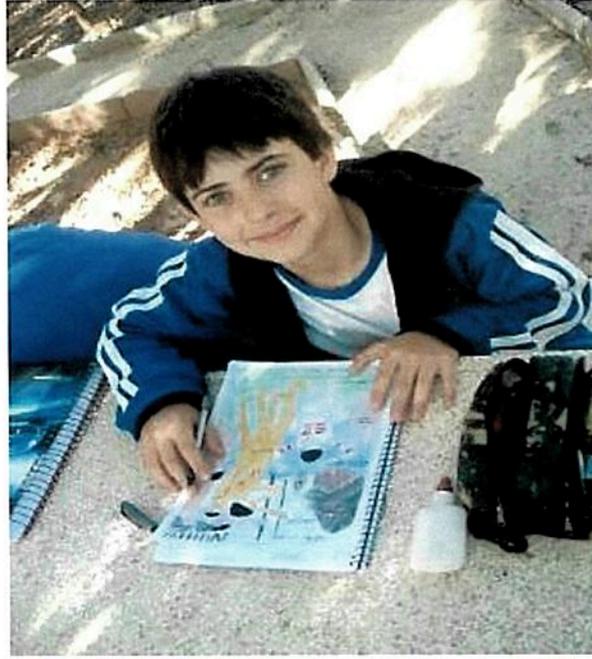


Figura 10 – *Descobrimto do Brasil*, por Vitor Stavarengo



Figura 11 – *Produções no jardim*

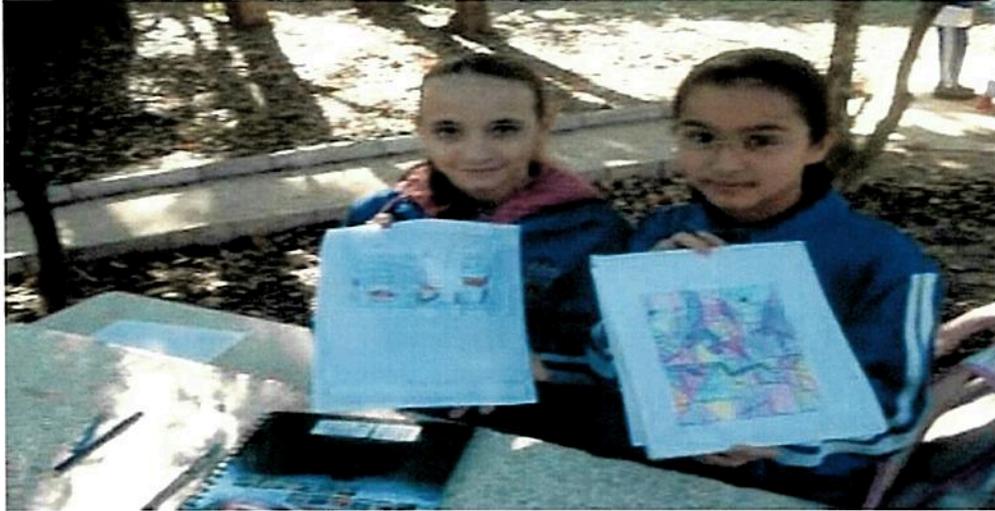


Figura 12 - Produção de Julia e *Meninos no Balanço*, por Ana



Figura 13 – José Otávio, Ana Paula e Helena produzindo juntos

Obras de arte recriadas pelos alunos a partir de obras de arte de Portinari pesquisadas na web

A obra de Cândido Portinari, nas palavras da professora Thelma, felizmente, é muito rica, tanto na temática, quanto na variação de estilos:

(...) Portinari é um desses raros indivíduos com imaginação e talento. Ele não pode ser classificado como surrealista, primitivo, expressionista ou pertencer a qualquer dos movimentos de arte de hoje. Ele pertenceria a todos e a nenhum. Seja uma cena direta ou em um vôo selvagem da fantasia, há sempre em suas figuras a qualidade de profunda humanidade que tem distinguido outros mestres anteriores, Van Gogh, por exemplo. E também o desenho experimentado que deve haver no fundo de toda boa pintura, (MORSE, 1940, p.82)

A humanidade expressa nas obras, o negro tão belamente retratado, o colorido, a imaginação que desperta, motivou fortemente os alunos que ao longo do desenvolvimento da pesquisa foram elogiados pelos demais professores da escola.

Os trabalhos mostravam uma forma mais precisa, criativa e bela de representação do entendimento dos alunos. Em relação a outras salas podíamos ver ali um avanço dos alunos envolvidos na pesquisa desde o início do ano letivo Suas percepções haviam se desenvolvido (...) resultado de um diálogo que se estabeleceu entre nós, enquanto grupo de pesquisa (...) trazia avanços quanto às relações espaciais, representação gráfica e aplicação de cores (Profª. Thelma Ragusa).

A beleza e a dedicação dos alunos pode ser observada nos trabalhos:

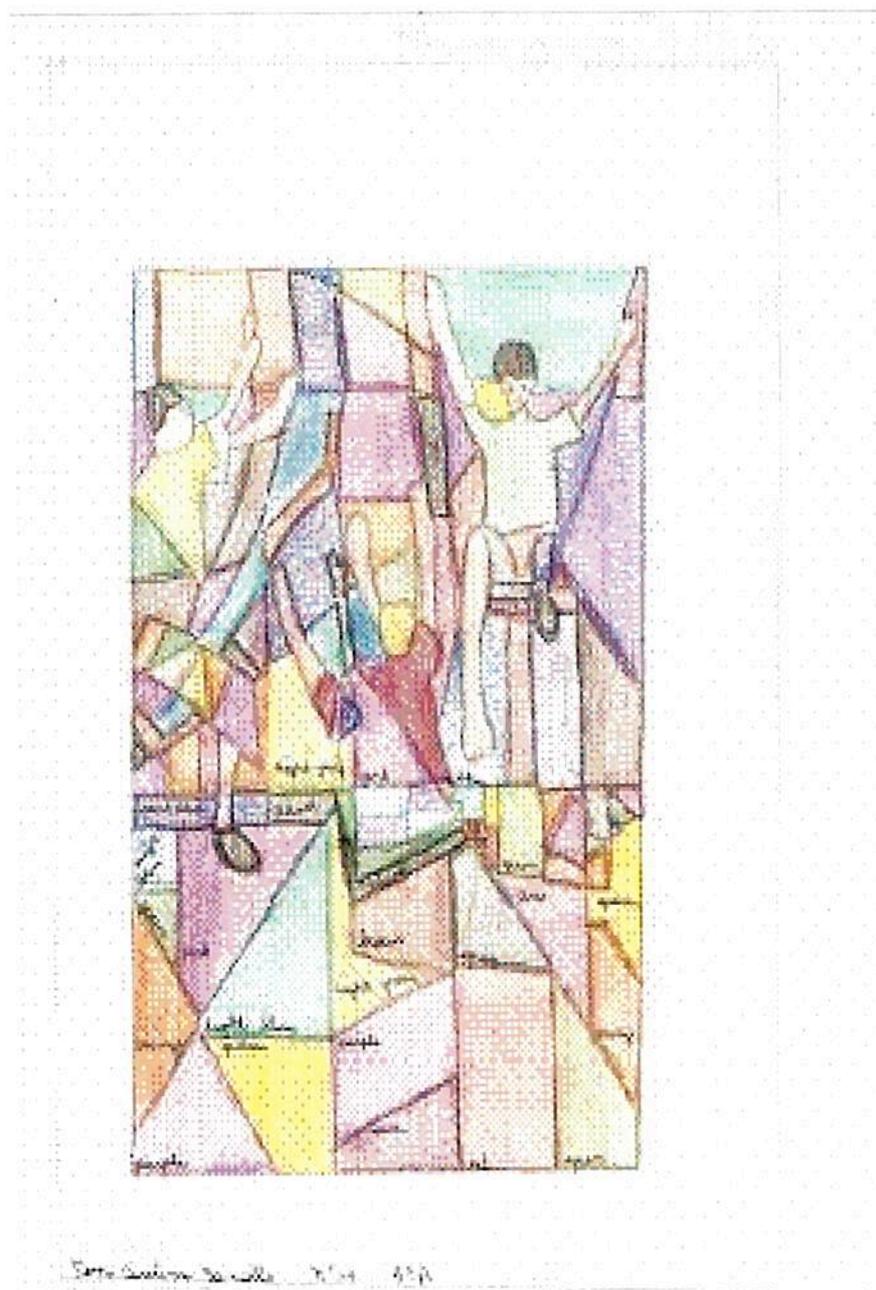


Figura 14 – *Meninos no Balanço*, por Ana Carolina Zanolo



Figura 17 – *Descobrimento do Brasil*, por Kauan, Matheus e Wendel

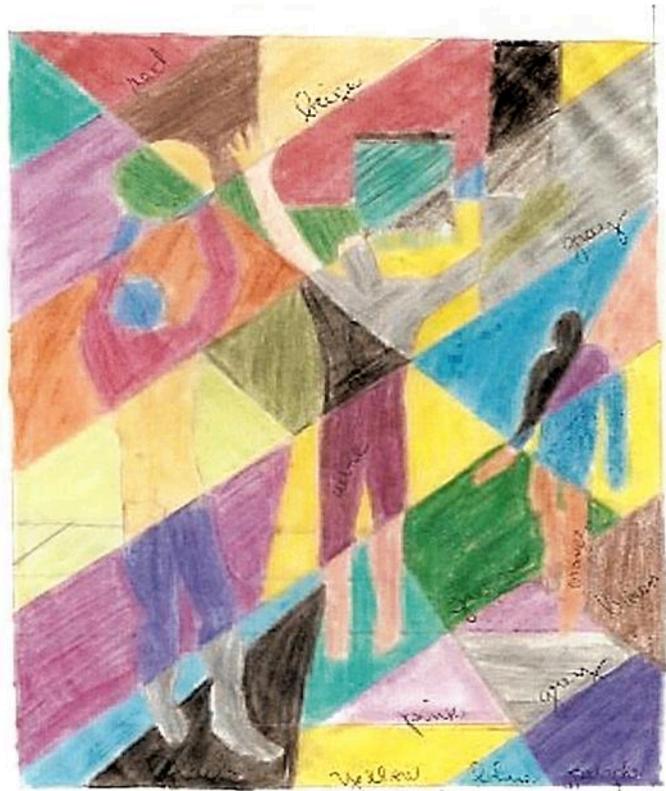


Figura 18 – Produção de Aline C. Giacometti



Figura 19 – *Descobrimento* por João Marcos

Criação artística e construção da aprendizagem da língua inglesa a partir do poema encontrado na web de Cândido Portinari

“O menino e o povoado”

Cândido Portinari

Não tínhamos nenhum brinquedo
Comprado. Fabricávamos
Nossos papagaios, piões,
Diabolô.
A noite de mãos livres e
pés ligeiros era: pique, barra-
manteiga, cruzado.
Certas noites de céu estrelado
E lua, ficávamos deitados na
Grama da igreja de olhos presos
Por fios luminosos vindos do céu
Era jogo de encantamento. No silêncio podíamos
Perceber o menor ruído
Hora do deslocamento dos
Pequenos lumes... Onde andam
Aqueles meninos, e aquele
Céu luminoso e de festa?
Os medos desapareciam

Sem nada dizer nos recolhíamos
Tranquilos...

Após lerem uma parte do poema *O menino e o povoado* em que Cândido Portinari se refere a sua cidade natal, Brodosque, e fala da fabricação de seus brinquedos os alunos produzem uma ilustração do desenho e escrevem frases, cores aprendidas com a ferramenta *tuxpaint* em inglês com auxílio de colegas, dicionário e professora.

A seguir algumas criações dos alunos:

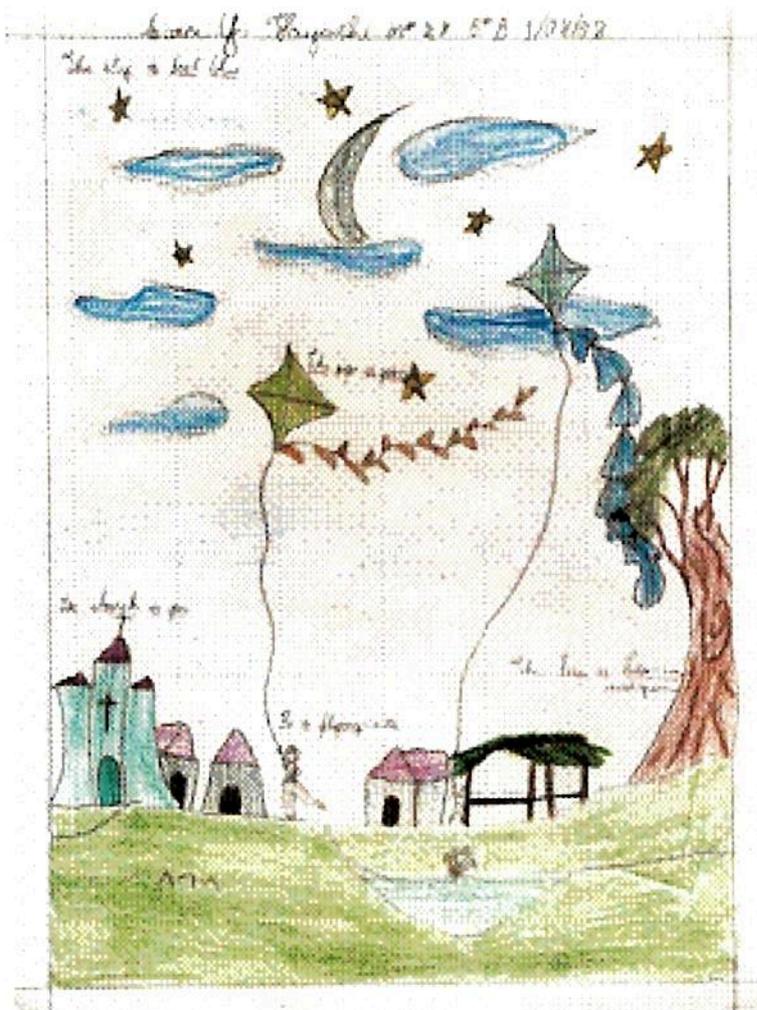


Figura 22 - Produção Sara Y. Hayashi

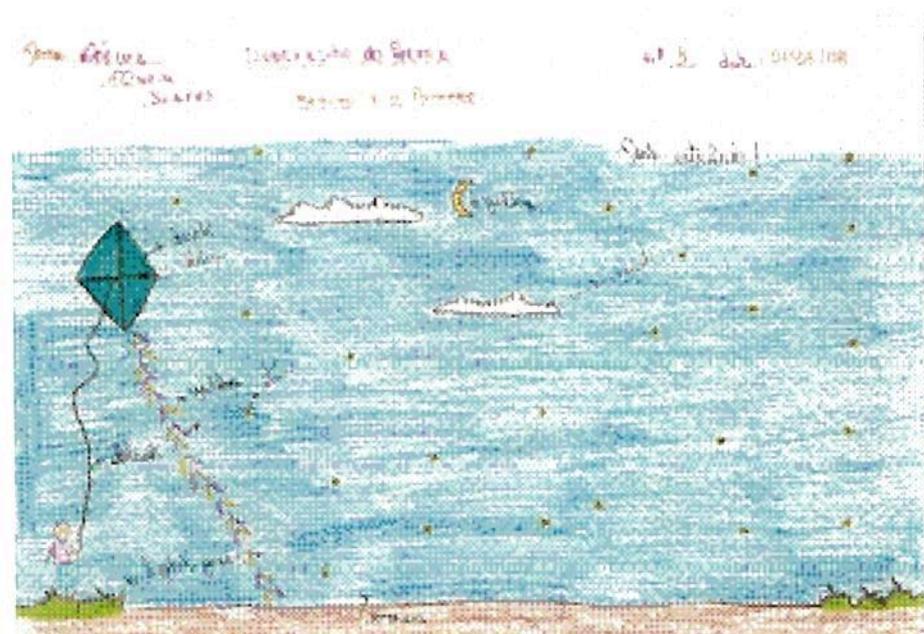


Figura 23 – Produção de Débora Nunes a partir do poema

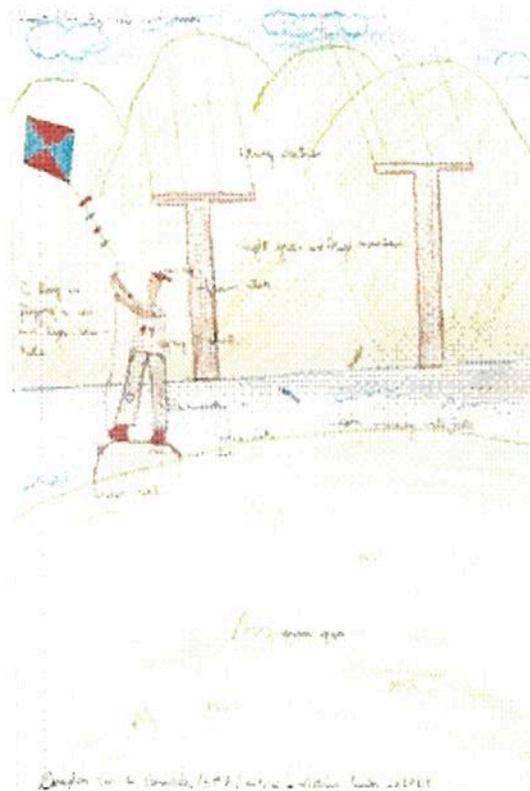


Figura 24 – Produção de Douglas W. Carvalho

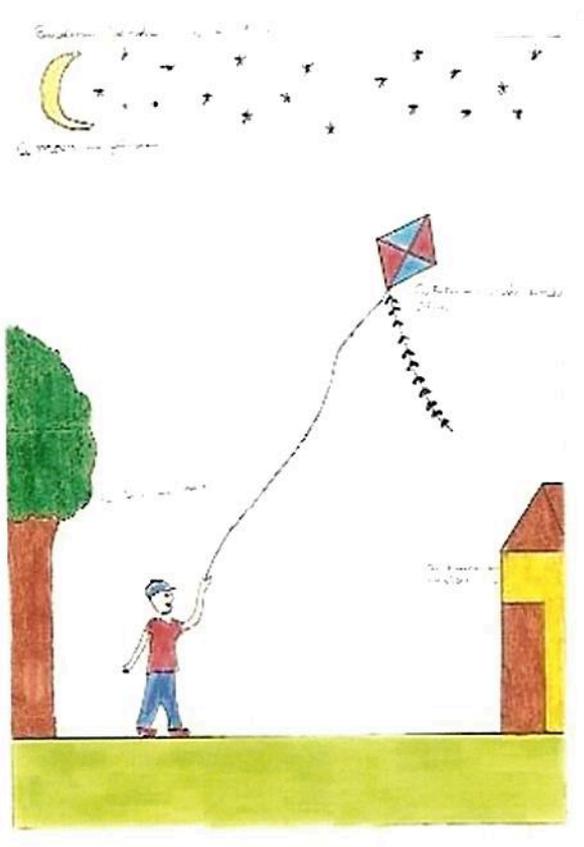


Figura 25 – Produção de Carolina Zanollo

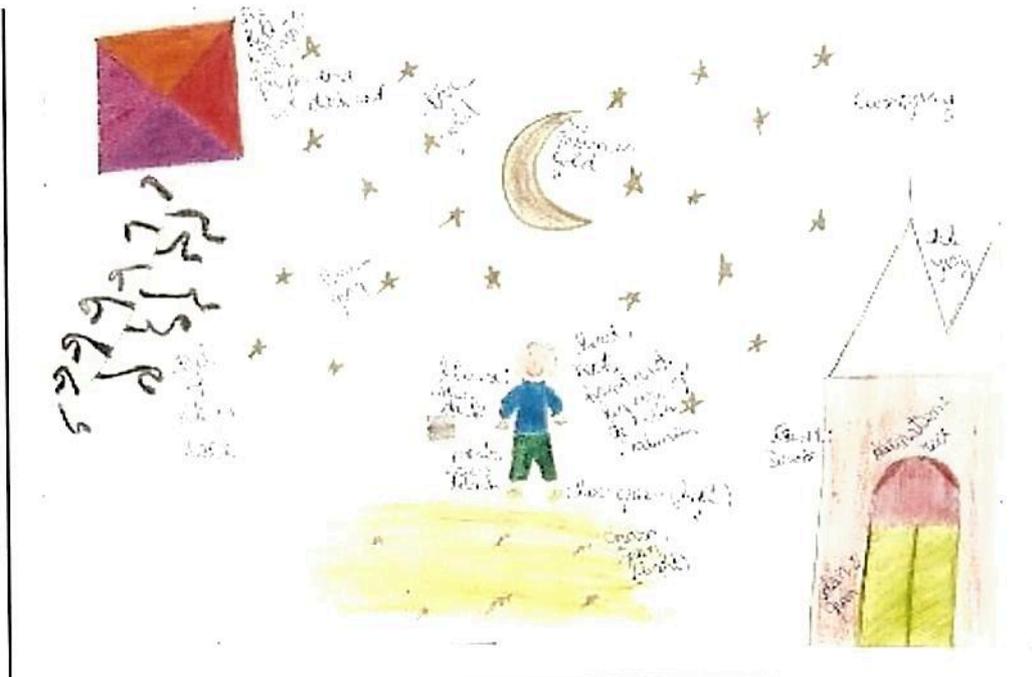


Figura 26 – Produção de Lara da Silva Rosa

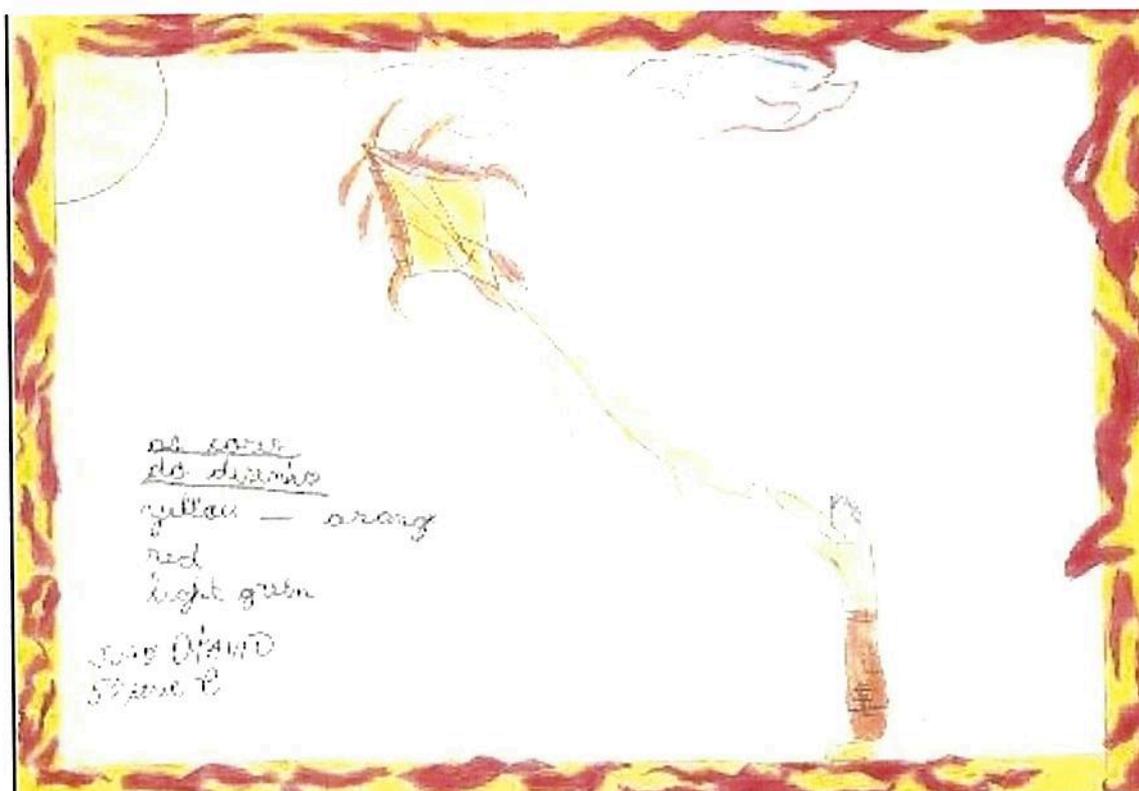


Figura 27 – Produção do aluno José Otávio

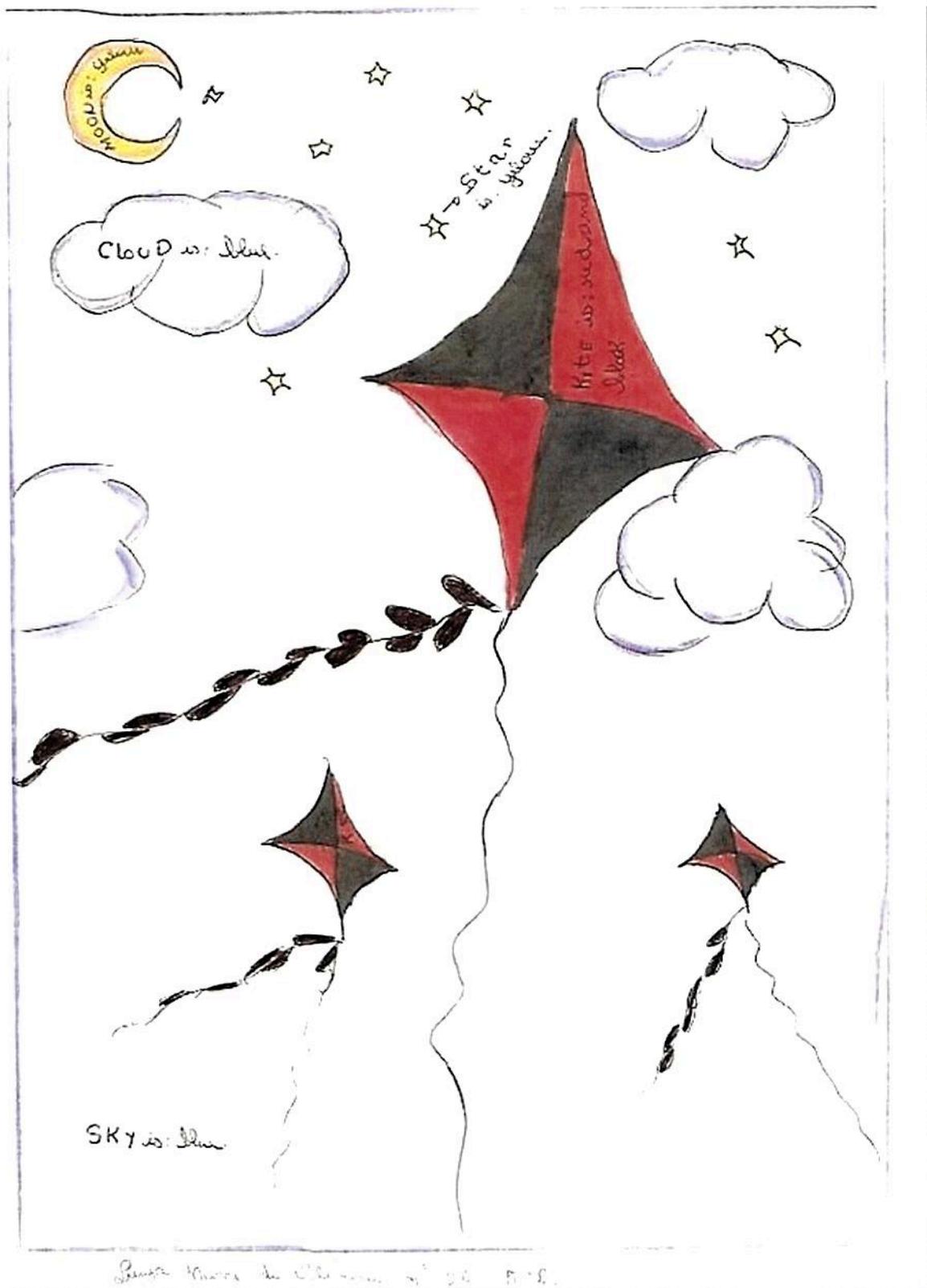


Figura 28 – Produção de Luiza de Oliveira



Figura 29 – Produção de Júlia B. Nunes

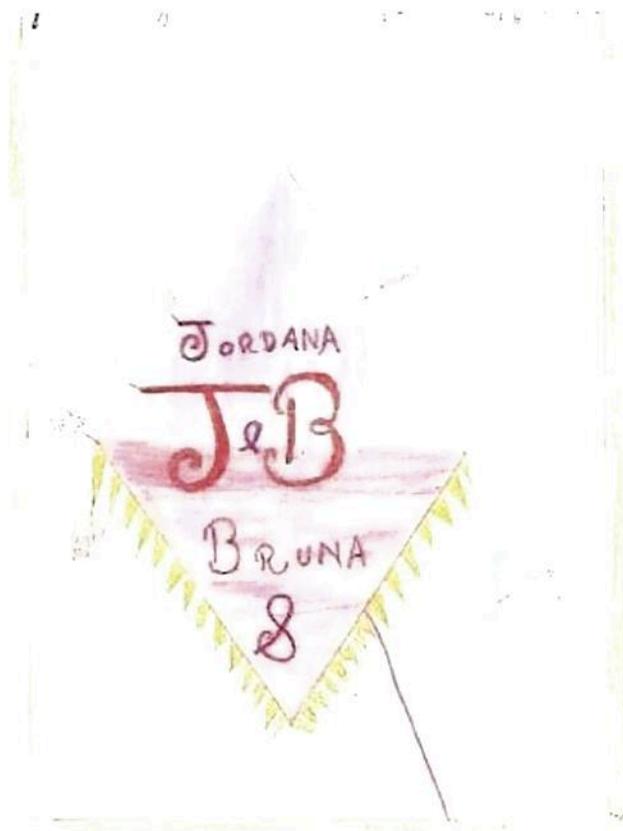


Figura 30 – Produção de Jordana Cruz de Paula Devaston e Bruna Stival

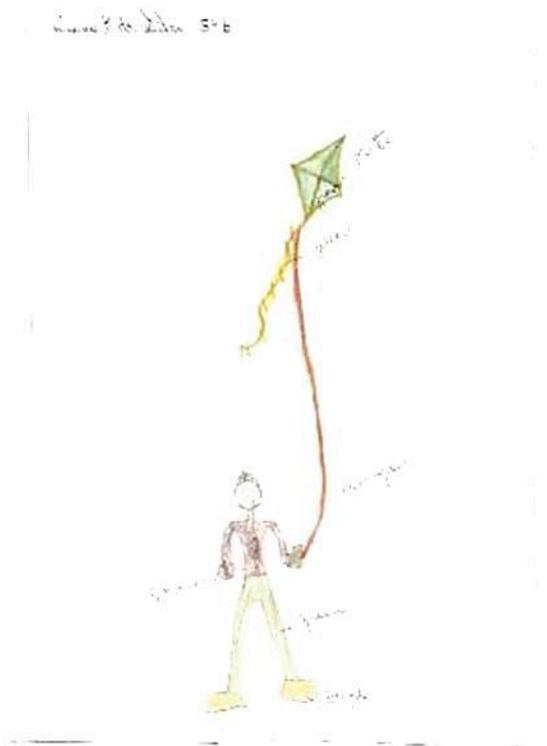


Figura 31 – Produção de Vinicius B. da Silva

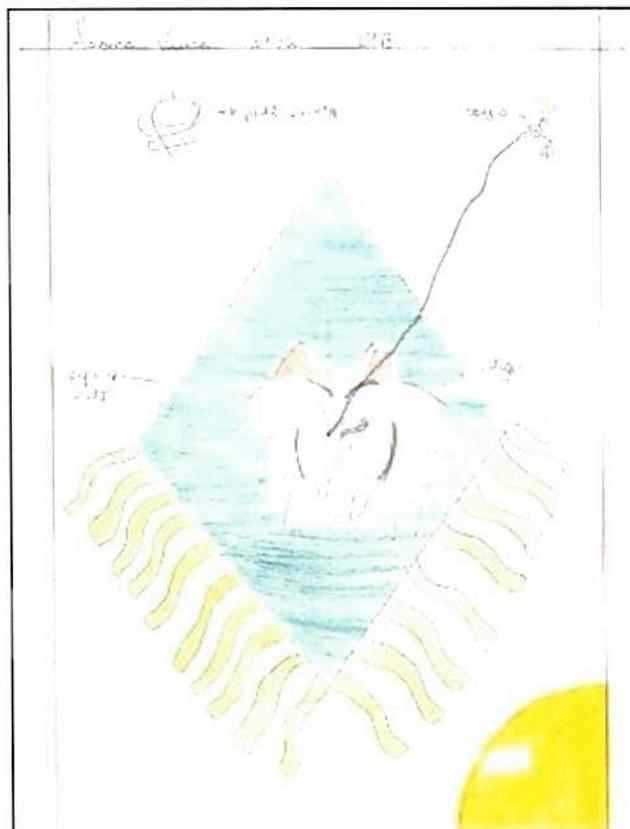


Figura 32 – Produção de Jéssica Vieira



Figura 33 – Produção de Vitor Stavarengo

Nas criações, além das denominações das cores, os/as alunos/as escreveram frases como: *The boy is flying a kite; The church is green; Fishes are swimming in the lake; A boy is flying a red and light kite*. Aprenderam a utilizar a cor antes do substantivo a que se refere: *red cap, black paints, gray t-shirt, light blue Sky, dark blue sky*, por exemplo.

It was splendid

Pedimos aos alunos que falassem sua opinião sobre o desenvolvimento da pesquisa até aquele momento quando o aluno Vitor surpreendeu com a frase *It was splendid*. Comecei então a me comunicar em inglês com ele.

Procuro falar em inglês com os alunos sempre que possível, mas quando percebo ser inviável nosso entendimento utilizo a língua portuguesa, que ressalto aos alunos ser nosso *cartão de visita*, nossa identidade, nossa história, nossa cultura.

Ao se pensar em identidade lembro-me de alguns alunos em situação social bem precária, alguns na EJA. Quando estudamos países, nacionalidades e línguas, pergunto-lhes: no Brasil falamos...? E alguns poucos às vezes respondem... “brasileiro”. Esclareço sobre a língua portuguesa, mas com a incerteza de quem esteja com razão. Explico que realmente há diferenças entre o Português falado aqui e em Portugal: pergunto se sabem o que é algibeira, falo do “pegar a bicha” (fila), entre outros.

Vem-nos a idéia do deslocamento do poder dominante para os micro-poderes no espaço da sala de aula, na micro-política, onde as ações de cada um podem ter relevância para a comunidade (DAMIN, 2004), pois só haverá mudança na sociedade se os mecanismos de poder em níveis elementares e cotidianos forem modificados (FOUCAULT, 1979).

Imagino os vários vetores de força que podemos provocar através de nossa prática cotidiana, por nossos discursos formados em constante construção, desconstrução e reconstrução com nossos alunos, colegas, pais, comunidade. Talvez provoquemos mudanças, talvez plantemos sementes, talvez estimulemos sonhos, talvez sejamos intercessores dos que mais precisam, inventando novas possibilidades de vida (DELEUZE, 2000).

O aluno Matheus pergunta-me, professora, *verdade que você só fala em inglês com os alunos da 7ª e 8ª? Meus amigos me falaram que na 7ª e 8ª você só fala em inglês com os alunos, vamos também falar só em inglês com você?*

Respondo-lhe, *depende se há entendimento entre nós. Começamos com um pouco de inglês e vamos aumentando até que você forme seu entendimento e podemos nos comunicar em inglês.*

A vantagem é estarmos juntos da 5ª série até a 8ª série, a desvantagem é termos pouco tempo por semana, mas esse tempo é potencializado pelo interesse dos alunos, por nossas afetuosas interações, pelas lições de casa, pelo acompanhamento dos pais, pelas multivozes que há na escola.

As contribuições da utilização do *power point* na produção de posters e apresentações em o *data show*

Pode parecer trivial a produção de *pôsteres* ou de apresentações para o *data show* utilizando recursos do *power point*, mas no meio docente ou de gestão escolar de escolas públicas, ou até privadas, não há muita familiaridade com as tecnologias.

No curso A Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente aprendemos a utilizar tais recursos que trouxeram, entre tantas outras, mais essa contribuição à minha prática docente e de gestão escolar.

No início do curso havia alguns alunos-professores que participaram anteriormente do *Ciência na Escola*. Era muito evidente a habilidade digital deles em relação aos outros colegas e a mim. Sabiam usar *power point* com propriedade, fazer pôsters utilizando recursos do *picasa*, edição de filmagens e fotos.

Sentia-me privada dessas possibilidades até adquiri-las no decorrer do curso, por isso hoje alegro-me em poder explorar o universo das tecnologias, enquanto docente e agora como gestora escolar, ainda lutando por implementações de seu uso na escola em que trabalho atualmente.

No segundo semestre de 2008 participamos da V Feira da *Ciência na Escola* e da *Mostra Cultural* na EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco”. Os alunos adoraram tanto a feira quanto todo o processo para sua apresentação.

Produzimos dois pôsters e um trabalho em *power point* que seriam apresentados pelos alunos. Vejam como ficaram os pôsteres criados como os alunos:

Aprendendo uma nova língua a partir de Cândido Portinari



Rafaela Maria Alves Lopes

EMEF Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco

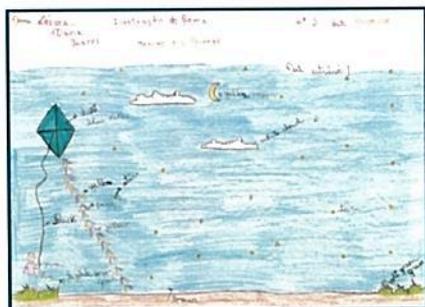
Aluna do curso de Pós Graduação: "A Pesquisa e a Tecnologia na formação docente"

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNICAMP, LEIA.



APRENDIZAGEM DE INGLÊS A PARTIR ILUSTRAÇÃO DE POEMA E QUADROS

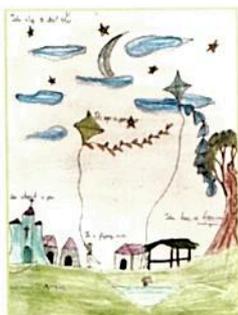
O Menino e o Povoado Cândido Portinari



Débora Maria Soares, ilustração do poema
O Menino e o Povoado, de Cândido Portinari

Não tínhamos nenhum brinquedo
Comprado. Fabricamos
Nossos papagaios, piões, diabolês
A noite de mãos livres e pés ligeiros era: pique,
Barra-manteiga, cruzado.
Certas noites de céu estrelado
E lua, ficávamos deitados na
Grama da igreja de olhos presos
Por fios luminosos vindos do céu
Era jogo de Encantamento.
No silêncio podíamos
Perceber o menor ruído
Hora do deslocamento dos
Pequenos lumes... Onde andam
Aqueles meninos, e aquele
Céu luminoso e de festa?
Os medos desapareciam

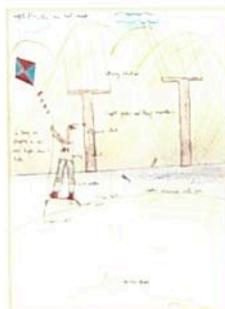
Sem nada dizer nos recolhíamos
Tranqüilos...



Sara Y. Hayashi, ilustração
do poema O menino e o
Povoado



Douglas W. V. Carvalho,
ilustração a partir do poema
O menino e o povoado



Lucas M. de Oliveira,
Eduardo S. Cruz e Wendel
de O. Cândido, O descobrimento



Carolina Zanollo,
Meninos no Searço

*Estou muito feliz em realizar a pesquisa em inglês
sobre Cândido Portinari. É um trabalho feito com
muita delicadeza. (Ellen Pracieli)*

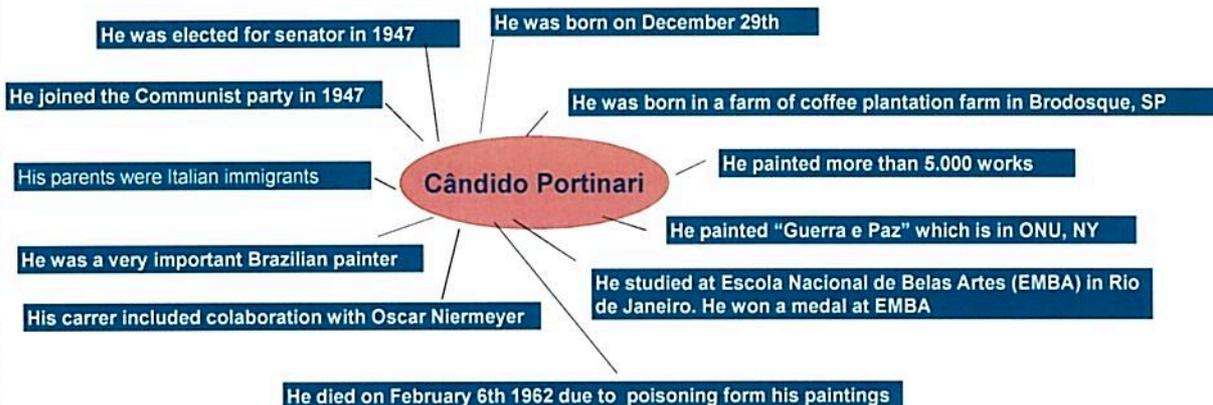
*Pesquisamos. Pesquisando a gente aprende.
(Douglas W. C. Carvalho)*

It was splendid! (Vitor Stavarengo)

Figura 34 – Pôster produzido para apresentação na feira do *Ciência na Escola* 2008

Aprendendo uma nova língua a partir de Cândido Portinari

BRAINSTORM



METODOLOGIA
Pesquisa na Internet
Sítios de busca utilizados para pesquisa sobre Cândido Portinari:

altavista cadê;
onde google
wikipedia

Foi muito interessante aprendermos que há sites sobre Portinari em inglês... Eu aprendi com essa pesquisa que temos que ajudar uns aos outros, hoje aprendemos bastantes palavras novas, várias informações, montamos um brainstorm, todos ajudaram a dar informações,
(aluna Júlia Nunes)

Gostei do brainstorm porque põe a gente quebrar a cabeça e isso é muito interessante,
(aluna Rubiana M. Rodrigues)



As alunas Jordândia e Bruna Stival



Alunos na sala de informática



Luiza M. de Oliveira e Carolina Zanollo

Podemos estudar ao ar livre, nas mesinhas do pátio, em grupo.
(aluna, Sara Y. Hayashi)



José Otávio, Ana Paula e Helena



Vitor Stavarengo



Alunos produzindo no jardim

Figura 35 - Pôster produzido para a feira do Ciência na Escola 2008 e Mostra Cultural da EMEF "Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco"

Como já apontado, a o letramento digital dentro da escola, ao que concerne docência e gestão, tem ainda um grande percurso para alcançar as possibilidades desejáveis às correspondências de nossos alunos nativos digitais.

Por exemplo, em junho de 2009, houve solicitação para a produção de um pôster que representasse um pouco da escola aos gestores do grupo ao qual faço parte. Graças às contribuições do curso Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente, sabia produzir tal pôster sem dificuldades, ou seja, tive a oportunidade de apropriação do recurso *power point* para esse fim, antes desconhecido por mim.

Na mesma situação que me encontraria sem tal contribuição, estavam alguns outros gestores, que o produziram em cartolinas ou em e.v.as. Vejam nosso pôster:

CIMEI 39: CEMEI “Prof. Octávio César Borghi” e EMEI “Profa. Else Feijó Gomes”



A CEMEI “Prof. Octávio César Borghi” fica no Parque Floresta I. Conta com 232 alunos e 44 funcionários. A maioria dos funcionários da CEMEI “Prof. Octávio César Borghi” ingressou em 2009, com o concurso de 2008.



Agrupamento III B da Professora Liliam



Gestão do CIMEI 39: Rafaela Maria Alves Lopes, ingressou como vice-diretora em 2009.



A EMEI “Prof. Else Feijó Gomes” fica no bairro Campina Grande. Conta com 120 alunos e 10 funcionários. Há amplo gramado, árvores, parquinho, horta e casinha de boneca.



Funcionários da EMEI “Profa. Else Feijó Gomes”

Figura 36 - Pôster produzido sobre o CIMEI 39 para reunião de gestores com o Secretário da Educação da Prefeitura Municipal de Campinas, em 01/07/2009

Contribuições da construção de *blogs* na prática docente e de gestão escolar

A utilização de *blogs* tanto na dimensão da sala de aula, quanto na dimensão de uma escola toda possibilita compartilhamentos, colaborações (GUTIRREZ, 2005), criações coletivas e interações entre os participantes, alunos, professores, gestores, família, comunidade escolar.

Vivemos em um contexto social em que os alunos, mesmo os provenientes de camadas menos abastadas, docentes, gestores, possuem acesso, em grau menor ou maior, às novas tecnologias. No entanto, nota-se que as tecnologias são pouco exploradas no contexto escolar, às vezes por falta de recursos físicos, às vezes por escassez de qualificação profissional em relação ao uso delas.

Por serem páginas de fácil edição e publicação, os *blogs* possibilitam a todos, democraticamente, publicar na *Internet*. Facilitam trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares, constituem alternativas interativas e suporte de projetos que envolvam a escola, a família e comunidade escolar, ajudando a formar redes sociais e redes de saber, como apontam Luis P. L. Mercado, Erneide Firmino do Nascimento e Luciária da Rocha Silva, da Universidade Federal de Alagoas. Vejam foto de nosso *blog*:

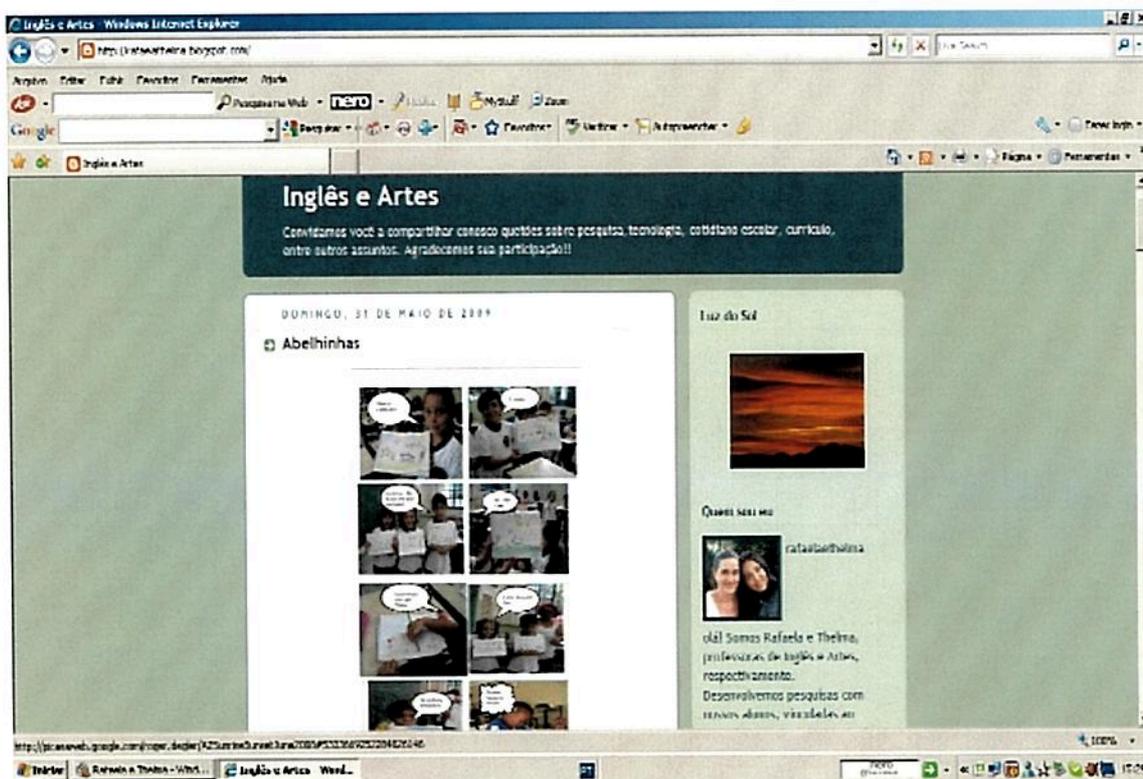


Figura 37 – Foto do *blog* <http://rafaelathelma.blogspot.com>

Nele foram postados os trabalhos desenvolvidos pelos alunos: HagaQuês, apresentações e os pôsters desenvolvidos em *power point* feitas para o Ciência na Escola e para a Mostra Cultural da EMEF “Pres. Humberto de Alencar Castelo Branco”, vídeos produzidos pelos alunos, vídeos produzidos com os alunos e um vídeo elaborado utilizando-se o editor *movie maker*.

Foi um trabalho de integração e de produção de mão própria dos alunos incrível que representou um divisor de águas em meu caminho pela educação que merece atenção também, de forma continuada, de gestores escolares.

Possibilidades das contribuições das novas tecnologias à gestão escolar

As contribuições das novas tecnologias à gestão escolar são praticamente as mesmas à docência, pois são inevitáveis os vínculos entre as práticas educativas e de gestão escolar com os processos de comunicação contemporâneos favorecidos pelo avanço tecnológico.

A rápida difusão de informações, as inúmeras possibilidades que as tecnologias nos propõem: criação de *blogs*, histórias em quadrinhos com o *HagaQuê*, recursos para imagens do *irfanview*, *softwares* educativos, montagem de vídeos com o *movie maker*, *pôsters* e apresentações em *data show*, contribuem de forma inovadora na escola.

Cabe ao gestor possibilitar e facilitar o acesso de alunos e de professores às tecnologias, investindo financeiramente em tecnologia e na formação dos professores para trabalharem com nossos queridos *nativos digitais*, através de recursos da própria escola ou através de parcerias com universidades, por exemplo.

Considerações finais

Utilizar as tecnologias para a pesquisa com o fulcro de valorizar a cultura brasileira, a cor do nosso povo, através das obras de arte de Portinari, e ao mesmo aprender a Língua Inglesa, transitando por diversas áreas do conhecimento e a linguagem informática, aliado a exercícios de posturas éticas nas interações entre alunos, podemos considerar um avanço educativo.

Ao pesquisar sobre Portinari, estudaram sobre este grande artista que reconhecido mundialmente, tendo morado em outros países, nunca deixou de retratar, com a ternura de suas obras, seu povo.

O professor e o aluno percebem que é importante abrir-se ao novo, aos recursos tecnológicos disponíveis na atualidade, aprender sobre outros povos e outras culturas, outras línguas, através do *Internet*, inclusive, mas que seu povo, sua língua, sua cultura são de muito valor.

O aproveitamento dos alunos foi muito considerável, ou melhor, *foi excelente!!!* Não esperávamos dos alunos da 5ª série uma interação tão produtiva com os recursos tecnológicos

e textos escritos em língua inglesa como aconteceu. Conseqüência das pesquisas realizadas em inglês com um tema contextualizado, com o trabalho de auxílio mútuo dos alunos, com o uso da informática, do tradutor do computador, com a participação ativa dos alunos.

Entretanto, o mais impressionante foi a motivação/mobilização/interesse frente à construção de seu aprendizado através do uso das tecnologias demonstrado pelos alunos, o que funcionou como alimentador e retro-alimentador da alegria do amor que é ensinar e aprender, juntos, de forma colaborativa.

(...) ao pesquisar o professor se torna aprendiz, constrói o conhecimento, vive a alegria, o prazer deste processo. Também vive o rigor, esforços e disciplina, o treino de vontade; na vivência consciente desse processo, adquire novos hábitos de estudo, atenção, curiosidade, inventividade (...) transformando a tarefa docente na desafiante parceria da construção da sala de aula, (ANASTASIOU, 1997, p.112)

Os encontros com os textos, os seminários, as interações com os colegas-professores no curso *A Pesquisa e a Tecnologia na Formação Docente*²⁶, as aulas, marcaram a nossa caminhada como professores-pesquisadores, com vistas a despertar/incentivar em nossos alunos o desejo de pesquisa, deixando-lhes marcas de encantamento.

Ao se propor a aprendizagem o trabalho com as tecnologias, buscou-se o estímulo a uma postura ativa do aluno diante de seu aprendizado, o compartilhamento de saberes entre os alunos, todos auxiliando uns aos outros e o estímulo ao *desenvolvimento proximal* (VIGOTSKI, 2001) entre alunos, visto que alguns alunos possuem computador em casa, outros com bom acesso a *Internet*, outros com pouco acesso, outros com nenhum. Alguns com muita facilidade para aprender inglês pelos recursos que a família oferece, outros nem tanto.

É (...) nas idéias de Vigotski que o poder da fala do professor é substituída pela interação, pela troca de conhecimentos e pela colaboração grupal a fim de se garantir a aprendizagem. Fortalece-se o diálogo e as trocas de informações. As aprendizagens, o desenvolvimento do pensamento (...) realizam-se pela interação comunicativa, o que possibilita a construção social do conhecimento, (KENSKI, 2001, p.137).

Ao pensar o ensino-aprendizagem de língua inglesa, questiona-se como gerá-lo resistindo a uma dominação cultural valorizando a cultura brasileira, deslocando o foco do “*american way of life*” para uma aprendizagem que valorize a cultura do estudante de forma a instruí-lo para a leitura, para a comunicação na língua inglesa, conhecendo outras culturas, acessando mídias diferentes, socializando-se na rede mundial de computadores (*Internet*)

²⁶ Curso de Especialização - FE, ministrado pela Profª. MS. Maria Aparecida Damin, Prof. Dr. Jorge Megid e Profª. Dra. Maria de Fátima Garcia, sob a coordenação da Profª. Dra. Afira Vianna Ripper.

através da língua inglesa com possibilidade de reafirmação de sua cultura, valorizando-a, realizando também novas leituras e contraleituras retomando acontecimentos.

O desafio social de leitura detém, com nóculo central, a habilidade de contraleitura, porque é com ela que podemos, com base na habilidade de brandir autoridade do argumento, não só ir além do argumento de autoridade, mas principalmente cultivar o saber pensar para melhor intervir. Ler significa tanto compreender significados quanto atribuir significados alternativos ao mundo, emergindo o leitor/autor (DEMO, 2007, p.23)

Há duas maneiras de considerar o acontecimento, uma consiste em passar ao longo do acontecimento, recolher sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história, mas outra consiste em remontar o acontecimento, em instalar-se nele como devir, em nele rejuvenecer e envelhecer (...) devir não é história; a história designa somente o conjunto das condições (...) das quais desvia-se a fim de “devir”, isto é, criar algo novo, (DELEUZE, 2000, p.211).

Como intercessores da escola pública, é crucial trabalharmos não somente a leitura de palavras, mas de enunciados, formando leitores de mundo, da realidade que nos cerca, leitores com visibilidades, exercitando o pensar. Nessa perspectiva Deleuze aponta Foucault, que como Heidegger, foi aquele que mais profundamente renovou a imagem do pensamento.

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. É o pensamento como arquivo. Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos, tais como “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável...”. É o pensamento como estratégia (...), como dizia Nietzsche, a invenção de novas possibilidades de vida. A existência não como sujeito mas como obra de arte, (DELEUZE, 2000, P. 120).

É preciso que em nossa prática sejam extraídas as visibilidades de nossa época, as cintilações, os reflexos, os clarões quando focamos luz sobre assuntos que nos cercam, para que sejam constituídos modos de existência, possibilidades de vida, processos de subjetivação, assim como nos constituirmos como “si”, e “*como diria Nietzsche, maneiras suficientemente “artistas”, para além do saber e do poder.*” (Deleuze, 2000, P. 124) e se as tecnologias são apropriadas pelos professores, migrantes digitais, seria possível melhor qualidade com nossos alunos, nativos digitais no contexto social-tecnológico em que estamos inseridos:

(...) as tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas,

combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligências, habilidades e atitudes. (MORAN, 2009)²⁷

Ainda há muito o que se trabalhar para superarmos a defasagem que existe entre as possibilidades de desenvolvimento das potencialidades que as tecnologias podem agregar às práticas docentes e de gestão escolar, mas acredito que o *Curso Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente* coloca-nos, juntamente com os alunos que participaram do *Ciência na Escola*, no papel de multiplicadores do acesso e democratização do uso das tecnologias na escola pública, buscando caminhos para uma prática condizente com a realidade em que estamos inseridos.

Em relação ao nosso trabalho desenvolvido, faço das palavras de meus alunos, minhas também, foi esplêndido, *It was splendid!* (Vitor Stavarengo).

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade, alegria e amor
(...)

Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão"

Bola de Meia, Bola de Gude, Milton Nascimento.

²⁷ Acessível em <http://www.sca.usp.br/prof/moran/utilizar.html>

Referências Bibliográficas

- BOLTER, J. D. **Writing space: the computer, hypertext, and the history of writing**. In HILLSDALE, N. J.: Erlbaum, 1991.
- DAMIN, M. A. S. **Olhares Nômades sobre o Aprendizado na Arte da Modelagem Matemática no “Projeto Ciência na Escola**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, 3ª reimpressão – 2000.
- DELEUZE, G. et PARNET, C. **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1997.
- DELEUZE, G. e GUATTARRI, F. **Kafka por uma literatura menor**. Imago Editora Ltda. RJ, 1977.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs I**. São Paulo, 1995.
- DEMO, P. **A pesquisa como princípio educativo**. In DEMO, P. (org.) *Pesquisa: Princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2005. (p. 77/97).
- DEMO, P. – **O porvir, desafio das linguagens do século XXI**, IBPEX, Curitiba 2007.
- DEMO, P., **Inclusão digital cada vez mais no centro da inclusão social**. In *Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 1, 2005. p. 36-38.
- DICKEL, A. Que sentido há em se falar professor-pesquisador no contexto atual? Contribuições para o debate. In GERALDI C. M. G., FIORENTINI, D., PEREIRA, E. M. A. (orgs.) **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras/ Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2003. (p. 33/71).
- ELLIOT, J. **La investigación-accion em educación**. Trad. Pablo Manzano. Madrid: Morata (1990).
- ELLIOT, J. **La investigastión educativa y las relaciones entre los investigadores externos y los profesores**, In: *Congresso Internacional de Didática – Volver a pensar a educación*. Trad. Pablo Manzano. Madrid: Morata; La Coruña: Fundación Paideia, vol.II, p. 205-331 (1990).
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder** / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GALLO, S. Disciplinaridade e transversalidade. In CANDAU, V. M. (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**/Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) – Rio de Janeiro: DP&A, 2ª ed. 2001.
- _____ **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- _____ Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In ALVES, N. A. e GARCIA, R. L. *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999. (p. 17/41).

_____ Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, A. M.; MARIGUELA, M. **Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Jacintha Editores, Piracicaba, SP, 2007.

GARCIA, M. F. Ensino–Aprendizagem por meio da Pesquisa: A constituição do grupo como comunidade educacional. In GERALDI, C. M. G.; RIOLFI, C. R. e GARCIA, M. de F. (org.). **Escola VIVA**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. (p. 195-218).

GARCIA, M. F. d'ABREU, J. V. V. **Pesquisa, tecnologias, mídias, currículo e formação de professores: multiplicidades em foco**. Revista e-Curriculum, PUC-SP-SP, Volume 4, número 2, junho 2009. Disponível em <http://www.pucsp.com.br/ecurriculum>

GERALDI, C. M. G., MESSIAS, M. G. M., GUERRA, M. D. S. Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas. In Geraldi C. M. G., Fiorentini, D., PEREIRA, E. M. A. (orgs.) **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras/ Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2003. (p. 237-274)

JOHNSON-EILOLA, J. **Reading and Writing in Hypertext**. Vertigo and DI Euphoria. In: *SELFE*, Cynthia L. & HILLIGOSS, Susan, 1994.

KENSKI, V. M. Múltiplas linguagens na escola. In CANDAU, V. M. (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender/Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)** – Rio de Janeiro: DP&A, 2ª ed. 2001. (p. 195-218).

KRAMER, S. Escrita, experiência e formação – múltiplas possibilidades de criação de escrita. In CANDAU, V. M. (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender/Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)** – Rio de Janeiro: DP&A, 2ª ed. 2001. (p. 105-118).

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Ed. 34, 1996, 160p.

_____ **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÜDKE, M. Pesquisa em educação: conceitos, políticas e práticas. In GERALDI C. M. G., FIORENTINI, D., PEREIRA, E. M. A. (orgs.) **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras/ Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2003. (p. 23/32).

MACHADO, J. N. Sobre a idéia de projeto e Educação: seis valores para todos os projetos. In **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2000. (p.39/67).

MATIAS, V. C. B. de Q. **A transversalidade e a construção de novas subjetividades pelo currículo escolar**. Currículo sem Fronteiras. v.8, n.1, PP.62-75, Jan/Jun 2008. Acessível em: www.curriculosemfronteiras.org

MORAN, J. M. **Como utilizar as tecnologias na escola**, 2009. Acessível em <http://www.sca.usp.br/prof/moran/utilizar.html>

NEVES, J. G. O relatório de aprendizagem como estratégia de avaliação formativa e de desenvolvimento profissional docente. In PRADO, G. do V. e SOLIGO, R. (orgs.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações**. Campinas, SP: Alínea, 2007, p. 261-272.

OLIVEIRA, I. B. de. **O currículo no cotidiano escolar. Conversa com Corinta Geraldi e Regina Leite Garcia**. Acessível em: <http://www.Curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/oliveira-entrevista.pdf>

PEREIRA, E. M. de A. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In GERALDI C. M. G., FIORENTINI, D., PEREIRA, E. M. A. (orgs.) **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras/ Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2003. (p. 153-181).

PONTE, J. P. **Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Professores: Que Desafios?** Revista Iberoamericana de Educación, septiembre-diciembre, número 024. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). Madrid, España. (pp. 63-90)

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIPPER, A. V. O preparo do professor para as novas tecnologias. In Oliveira, V. B. de (org.) **Informática em psicopedagogia**. São Paulo: SENAC, 1996.

SILVEIRA, S. A., Cassino, J., **Software Livre e Inclusão Digital**. São Paulo, 2003.
In SILVEIRA, S. A., **Inclusão Digital, Software Livre e Globalização Contra-Hegemônica**, p.29.

STENHOUSE, L. (1993). **La investigación como base de la enseñanza**. Selección de textos de J. Rudduck e D. Hokins. 2ªed. Madri: Morata.

THIOLLENT, M. (1985). **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez e Aut. Assoc.

VEIGA, I. P. A. As dimensões do processo didático na ação docente. In Romananowski, J. P., Martins, P. L. O., Junqueira, S. R. A. (orgs.) **Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente**. Curitiba: Champagnat, 2004, p.13-30.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia Pedagógica**; tradução de Paulo Bezerra. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZEICHNER, K. (1995). Reflections of a teacher educator working for social change. In KORTHAGEN, F. e RUSSEL, T. (eds.). **Teachers who teach: reflections on teacher education**. Londres: Falmer Press. (p. 11-24)